

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



DON QUICHOTTE - SALVADOR DALÍ

Ano 2 - Nº5- ABR. 2010

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 2 – N°5 – Abr. 2010

ISSN: 2238-930X

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: trimestral

Capa: *Don Quichotte* – Salvador Dalí

Fonte: Virtual Museum of *Don Quixote* - <http://www.donquijote.org>

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com

800

R454

Revista Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 2,
n. 5 (abr. 2010) – Campina Grande, 2010.
68 p.: il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura -
Contos. 4. Literatura – Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

Blog:

www.revistablecaute.blogspot.com

Twitter:

<https://twitter.com/revistablecaute>

Fale conosco:

revistablecaute@gmail.com

ÍNDICE

EDITORIAL	As feiras, os feirantes e os foras-do-eixo Os editores	5
CONTO	Explosões Ricardo Bruch	8
COLUNA	Pedro Nava Franklin Jorge	11
POEMAS	Quando o Mar Invade o Cais, Retrato em Preto e Branco, Em Mim, Abutre Voraz, Poesia (In)Perfeita e FLOR bela Mirtes Waleska Sulpino	13
ENSAIO	A Ficção Científica, os Robôs e a Modernidade – Primeira Parte João Matias de Oliveira	19
CONTO	À Meia Luz Janailson Macêdo Luiz	25
HUMOR	A Ótima Tentação Valdênio Freitas	31
POEMAS	Olhos, Fragmentos da Paixão, Criança Chorando, Semântica e Soneto sem Despedida Anderson Braga Horta	32
ENSAIO	A Palavra Perplexa: Dificuldades de Ser Escritor no Brasil Bruno Gaudêncio	39
ESTANTE	Leite Derramado – Chico Buarque Jomar Ricardo da Silva	49
	Os Detetives Selvagens – Roberto Bolaño Luís Henrique Cunha	51
POEMAS	Jurássico, Sir Biu, Itapoan, Penal e A Boceta Ed Porto	53
CONTO	Quitéria Raquel Soares	58
ENSAIO	O(s) Duplo(s) em Benjamin Abílio Pacheco	63

| Editorial – Abril de 2010

AS FEIRAS, OS FEIRANTES E OS FORAS-DO-EIXO

UMA DAS MANEIRAS MAIS EXPRESSIVAS de divulgação literária no mundo moderno são as chamadas feiras ou festas literárias. Nesses encontros, escritores, editores, agentes literários e leitores interagem de uma maneira única, ocupando os mesmos espaços, consumindo a literatura no âmbito das sociabilidades.

O mais conhecido evento desse gênero, realizado no Brasil, é a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), organizada todos os anos na cidade homônima, localizada no Estado do Rio de Janeiro. A FLIP, cuja primeira edição ocorreu em 2003, já nasceu como um evento tradicional e vem inspirando o surgimento de encontros similares em todo o território brasileiro.

A Paraíba, por exemplo, nesse início de 2010, foi contemplada com a primeira edição de dois eventos literários que deram um novo gás ao sonolento universo literário paraibano. O primeiro, intitulado *Encontro de Literatura Contemporânea*, realizou-se em Campina Grande – PB – entre os dias 14 e 15 de fevereiro, durante o 19º Encontro da Nova Consciência. Encontro organizado pelos editores da Revista Blecaute, a empreitada marcou o surgimento do Núcleo Literário Blecaute. Já o segundo, intitulado *Feira Literária de Boqueirão* (FLIBO), ocorreu entre os dias 18 e 21 de março, em Boqueirão – PB, organizado pela Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES).

O *Encontro de Literatura Contemporânea*, cujo tema central foi “Literatura Contemporânea: Identidades e Militâncias”, contou com nomes destacados da literatura paraibana e brasileira, que estiveram presentes em palestras, mesas redondas e também integrando o público, a saber: Maria Valéria Rezende, Rinaldo de Fernandes, Ricardo Kelmer, Astier Basílio, Antônio Mariano, Antônio de Pádua, Ed Porto, entre outros. O público surpreendeu os organizadores. Em pleno carnaval, compareceram um bom número de pessoas, prestigiando o evento até o fim das atividades de cada dia e levantando questões sempre oportunas e que muito enriqueceram as explanações dos palestrantes.

O recém-criado Núcleo Literário Blecaute tem como propósito gerar espaços de debate e produção de literatura na cidade de Campina Grande, assim como a promoção, nos

próximos anos, de uma série de eventos, tais como feiras literárias, lançamentos de livros, saraus, palestras, procurando incitar a criação de lugares de agitação cultural onde a literatura seja privilegiada.

Tal intenção sobrevém de uma vontade latente do Núcleo em expandir, para além das fronteiras acadêmicas, o acesso à literatura e, por sua vez, àqueles que a fazem acima de quaisquer livreiros, editores, gráficos ou atravessadores: os escritores. Número mirrado (se comparado a outros estados) em nossa querida Paraíba, talvez. Porém, não deixamos por isso de nos lançar até o vão de luz do que tem se transformado estas feiras literárias: um espaço único de interação entre leitor-escritor. E cada vez mais, a exemplo da *FLIBO* e do *Encontro de Literatura Contemporânea*, temos tentado subverter o círculo mútuo de elegias a escritores e intelectuais de outras partes do Brasil para nos mostrarmos enquanto identidade única e crescente. Uma identidade, por certo, muito distinta dos conhecidos movimentos regionalistas de 30 ou 45, estigma pelo qual ficaram retratados os autores nordestinos como essencialmente regionalistas durante longo tempo. Estigma vencido por uma nova roupagem do regionalismo à luz da globalização e da internet, bem como dos nordestinos não-regionalistas, os quais buscam uma voz urbana e distinta, ou até mesmo uma pluralidade de vozes, em sua literatura.

Como empreitada inovadora, a FLIBO – Feira Literária de Boqueirão <<http://flibo2010.blogspot.com>> – surge do interior da Paraíba, na pequena e agradável Boqueirão, cidade que abriga pouco mais de 15 mil habitantes, com o intento de levar, aos seus participantes, muito mais do que as águas que atravessam as matas em direção aos municípios vizinhos. Desse modo, o evento serviu como canal para a transmissão de cultura e de uma boa vontade de transformar o ainda malfadado acesso à leitura nas regiões tidas como periféricas do nosso país.

Durante a FLIBO, foram organizadas palestras, mesas-redondas e lançamentos de livros, cujos convidados (André de Sena, Bráulio Tavares, Damião Cavalcante, etc) não deixaram a dever no quesito diversidade, empreendedorismo e coragem. É bonito ver a ABES (Associação Boqueiroense de Escritores) movimentar a “terra das águas e das letras” com um solavanco vivaz de nomes reconhecidos, escritores paraibanos tornados nacionais e nomes novos e promissores que, sobretudo, ainda estão por se reconhecer. É ainda mais bonito conferir uma forma audaz de revolução, de descentramento do eixo Rio-São Paulo, tirando a patente de leitores, escritores e agitadores culturais tupiniquins como sendo exclusivos do Sul e Sudeste do país.

Mas, nada novo, querido leitor. Quando nem bem terminados os eventos literários de que participamos, eis o convite para uma possível parceria entre o Núcleo Literário Blecaute, a Revista Blecaute e o *Natora Coletivo* <<http://www.natoracoletivo.com.br>>. Através do pessoal do Natora descobrimos uma outra forma de fugir do eixo em termos de cultura e arte independente. O Natora prevalece no cenário cultural de Campina Grande – PB – como um coletivo onde se reúnem bandas independentes de todos os gêneros para um verdadeiro intercâmbio regional. Mandam-se bandas independentes, crias da nossa terra, como Sex On The Beach, Cabruêra e Seu Perereira e Coletivo 401 para outros estados e, em troca, bandas dos respectivos estados são enviadas para fazer shows em Campina Grande. Tal parceria está diretamente ligada a um coletivo maior, cujo nome sugestivo, inclusive para este editorial, é *Fora do Eixo* <<http://www.foradoeixo.org.br>>. Na mesma perspectiva, o Fora do Eixo busca ser uma voz independente no cenário cultural nacional para este intercâmbio de arte e cultura que, como bem demonstra o próprio nome, está fora do eixo, isto é, fora do eixo comercial, fora do eixo Rio-São Paulo, fora de qualquer eixo, afinal de contas. Não seria essa também nossa ideia, iniciada com o *Encontro de Literatura Contemporânea* e influenciada pela *Festa Literária de Boqueirão*? Seguimos o contato com o pessoal do Natora Coletivo, esperando boas perspectivas desta parceria.

O certo, talvez, seja mesmo tentarmos novas perspectivas de inserção no mercado literário brasileiro, para além de um apartamento barato em algum bairro da Vila Madalena, em São Paulo. Seremos os foras do eixo literários. As feiras literárias locais, bienais do livro, os encontros e simpósios, e os coletivos culturais, são mais do que um grito de independência. São novos círculos que buscam uma nova identidade. Dessa vez, fora do eixo.

Os editores

P.S. Elogio distinto a Blecaute:

“Boa nova

Acabou a excelente e já saudosa "agulha", revista online mantida por vários anos pelo Cláudio Willer de São Paulo e pelo Floriano Martins, de Fortaleza. Mas, como a indicar que a inquietação nunca some, surge uma outra, muito interessante, vinda lá de cima, da Paraíba. "Blecaute" é o ótimo nome que os autores deram à publicação (pode ser essa palavra pra uma revista virtual?). Acabo de dar uma navegada pelo material. Não tive tempo de analisar com vagar, mas me pareceu conteúdo dos mais promissores.”

Alberto Guzik – In: http://os.dias.e.as.horas.zip.net/arch2009-12-27_2010-01-02.html

| Conto

EXPLOSÕES

Por Ricardo Bruch

SEGURAVA UM LIVRO FECHADO nas mãos. Encarava o chão como se as letras estivessem escritas nele. Paria mil pensamentos calados e uma ânsia de fazer algo se apoderou da minha espinha na forma de um calafrio. No jardim surgiam pedaços de caule, de folhas, de botões e pétalas, muitas pétalas para ornar minha sombra; insetos me rondavam como se eu fosse o Sol; o playground destinado às crianças fora desabitado no dia de sua criação. Todas as crianças desse prédio são velhas, estão doentes ou mortas dentro dos quartos coloridos e recheados de objetos completamente inúteis.

No primeiro patamar via pés se movendo sem sair do lugar, pés pequenos. Certamente os dedos também são miúdos, pensei enquanto observava um par de canelas, joelhos e coxas grossas, brilhantes de suor. Apenas metade do corpo se apresentava aos meus olhos, a outra parte: um rabo de cavalo, um pedaço de braço, um naco de ombro, surgia para instigar minha curiosidade. De dentro da academia, o motor da esteira fazia coral com os aparelhos de televisão dos andares superiores. E os pássaros? Sei que eles estão aqui em algum lugar, sussurrava às pétalas aos meus pés. Alheias à minha atenção, as plantas cresciam, cresciam e cresciam em tempo absurdo, tempo o suficiente para não reconhecer mais as paredes, a churrasqueira, o playground nunca usado. Uma fagulha de lembrança de todo o lugar pinicava a sola do meu pé; contudo não via pássaros, nunca os vi por aqui. A esteira insistia em cantar a mesma melodia pungente de parafusos e motores, silenciando completamente o eco dos pássaros da minha imaginação.

Estiquei as pernas, os braços se espreguiçaram como se tivessem vida própria e quisessem se desprejar do meu tronco. Me levantei com um único pensamento em riste, um repeteco duma idéia muda, igual a todas as outras que me vieram hoje. Estranho, disse. Muito estranho, concordei. Tirei o tênis, a meia, escondi-os com o livro fechado debaixo do banco de pedra. Provavelmente esse ato de esconder o tênis debaixo do banco é

completamente desnecessário, já que ninguém tem tempo para andar em jardins. Caminhei olhando para cima, não encontrando nuvens, balões, anjos, havia apenas rostos preocupados, flagrando-me a caminhar com os pés descalços pelo jardim do prédio. Sentia a terra fria e molhada sob mim. Tinha vontade de arrancar a roupa e rolar nu na grama, feito um cão. Queria me sujar inteiro de terra, sentir a natureza grudada no meu corpo, ser bicho. Mas seguia educadamente, pousando os pés com zelo no solo para não fazer estragos na grama, que mal respirava e se pudesse reclamaria do meu peso.

Contornando o edifício, ouvi um estrondo ao alcançar a porta da entrada.

O eco da explosão ressoou no ar por muito tempo, como se várias coisas explodissem ao mesmo tempo: várias explosões dentro de uma só.

Após um segundo esperei o nascimento de um grito que não veio, mas certamente existiu na memória, na figura pela metade que andava na esteira e expelia tempestades pelos poros. Da frente do prédio não conseguia distinguir se a esteira continuava se movendo, se continuavam gemendo os motores, os parafusos, a lona infinita. Com a explosão tive certeza que pássaros não existem, pois nenhum voou amedrontado, nem gritou, nem saiu do ninho para ver o que aconteceu com o grupo de pessoas que rolava ladeira abaixo.

Apertei o botão do interruptor, avisando o porteiro que queria sair. Talvez o porteiro fosse um pássaro, pois não tinha ninguém atrás do vidro fosco. Pulo os limites do portão e dou por mim descalço entre a multidão, seguindo a explosão pela calda de seus ecos, pela reverberação de suas camadas infinitas.

– Você viu o que aconteceu? – uma mulher perguntou.

– Não. Apenas ouvi uma explosão. – menti. Pois foram muitas explosões, que se sustentavam por todos os cantos e que explodem ainda agora.

– Espero que não tenham crianças envolvidas. – disse outra mulher.

– Ou cachorros – disse outra, correndo com um *poodle* entre as mãos.

– O que aconteceu? – Perguntou uma senhora enquanto caminhávamos com passos rápidos, descendo a rua para topar de cara com o centro do universo, com o intestino do mundo recém explodido.

– Ainda não sei. Ouvi dizer que tem crianças e animais envolvidos.

– Que horror! – levou as mãos à boca.

Me aproximei do aglomerado de pessoas em volta de algo não identificável; sirenes pareciam soar distantes, distantes demais para tirar a curiosidade do povo que estava ali sem saber direito porquê. Sirenes distantes demais para que pudessem ouvir:

– Não se aproximem. Pode explodir de novo.

Sirenes distantes demais.

Subitamente, não sei se foi uma nova explosão ou um de seus ecos que ensurdeceu o barulho da sirene e do buchicho. Senti-me suspenso no ar entre objetos e pessoas sem asas. Não sentia nada, apenas voava entre nuvens e sonhos azulados, que não tiveram tempo de nascer. Distantes, pequenos pontos negros brincavam entre as estrelas.

– Pássaros! – gritei, aconchegado nos braços do meu pai.

RICARDO BRUCH (São Paulo) – Escritor. Seu conto denominado *Mariana* foi selecionado para figurar na antologia *Universo Paulistano II*. A estréia de seu primeiro livro está prevista para o segundo semestre de 2010. Blog <http://bostoievski.blogspot.com>

| Coluna

PEDRO NAVA

Por Franklin Jorge

MINEIRO DE ASCENDÊNCIA CEARENSE, piauiense e pernambucana, Pedro Nava passou sem transição, segundo o crítico Wilson Martins, “da categoria algo ambígua de escritor bissexto para o plano mais rarefeito dos grandes escritores”, ao lançar-se memorialista, publicando em 1973 “*Baú de Ossos*”, livro que monopolizou os círculos culturais e o cumulou de prêmios e do reconhecimento dos leitores que sufragaram com avidez a sua arte literária plena de experiência vivida e de cultura adquirida.

Privilegiado desde as suas origens por uma rica e pletórica vivência pessoal e ancestral, sua estréia, já na compulsória, foi um desses acontecimentos extraordinários, únicos e inesquecíveis que somente muito raramente ocorrem no mundo das letras, ao resgatar, pela escrita, a memória de antigos vivos, dando-lhes, a esses mortos magicamente ressuscitados através do dom estético, na feliz e exata expressão drummondiana, uma segunda vida – a imortalidade que a arte proporciona.

Sua obra de memorialista compõe com requintes de esteta um novo e impressionante paradigma literário que o aproxima — sem despersionalizá-lo — da técnica narrativa de Proust, autor tantas vezes citado em seu livro, pois em ambos é grande e misterioso o fascínio exercido pela *memória involuntária*, essa grande descoberta proustiana que faz de Nava mais que um mero registrador de lembranças suas e alheias. Um grande criador literário.

Conheci-o no Rio, numa época imediatamente anterior à sua glorificação pública, como escritor, condição havia muito reconhecida por todos, nos mais exclusivos e seletos círculos intelectuais do País, que não lhe sonegavam aplausos ao poeta bissexto, autor de uma obra-prima do verso, ao artista das formas cambiantes, ao médico e ao notável professor universitário autor de teses científicas consideradas por seus pares da Academia.

Cercado de lembranças materiais e imateriais, vivendo sem filhos ao lado de Dona Antonieta, em seu recanto da Glória, Pedro Nava iluminava a conversa, para ele uma arte inexecedível, com espírito e bom humor peculiares. Pareceu-me, naquele primeiro encontro, um desses artistas da palavra que são igualmente grão-senhores, por suas maneiras aristocráticas, polidez, cultura humanística, origem e tradição, palavra que lhe era tão cara e naturalmente destituída de pedantismo.

A conversa fluiu, naquela manhã inesquecível, cheia de evocações literárias e geográficas, gastronômicas e históricas, que abarcavam desde Proust, Cascudo e a alimentação no Brasil, Gilberto Freyre e o luso-tropicalismo, o Nordeste como um país muito antigo, Mário de Andrade e Natal, a poesia que é imortal e pobre e, num dado momento, Pernambuco e os Wanderley da Fonseca, minha origem paterna que ele associou imediatamente aos velhos troncos do Engenho Mangueira e a outros troncos veneráveis.

Nava recebeu-me com aquela espécie de atenção e curiosidade que encantam aos jovens em seus relacionamentos com homens mais velhos, aos quais, por sua cultura e experiência, instintivamente admiramos, neles reconhecendo essa espécie de farol ou de mestre, na exata e simbólica acepção baudelairiana do termo.

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Câmara Cascudo* em 1998 com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (1997).

POEMAS DE MIRTES WALESKA SULPINO

QUANDO O MAR INVADE O CAIS

Quando meus olhos os teus encontraram
Um sorriso faceiro dos teus lábios brotou
Nossas almas que há tanto vagavam,
Reencontraram-se após o escuro que nos assombrou.

Quando meus lábios em tua boca encostaram,
Um tremor absurdo em mim se formou,
Minhas mãos já não me obedeciam,
E do teu corpo se apoderou.

Quando do nada me despertastes,
Uma fonte de vida de minhas entranhas jorrou.
És o meu refúgio, meus momentos perfeitos,
Minha luz que irradia.

Quando nossas almas se amaram,
Não era mais meu corpo que tremia,
Era a eternidade preenchendo minhas noites vazias,
Enchendo de vida o meu dia, e minh'alma de poesia.

Quando em mim tu te perdias,
Era o amor que te encontrava.
O mesmo amor que me prometias,
E que a ti eu dedicava.

E ainda, quando de mim repleta estás,
A lua brinca com as estrelas,
E o mar invade o cais.

RETRATO EM PRETO E BRANCO

Moro onde o acaso permite-me
Nas ruas, nas esquinas,
Deixei de ser menina.
Esqueci a inocência num banco de praça qualquer.

O vento frio é o cobertor que aquece-me.
E a fome, amiga de todas as horas.
As lembranças afastaram-se de mim,
E um buraco negro em minha mente se fez.

Não lembro que fui criança,
Não lembro de onde eu vim,
Não lembro quem são meus pais,
Não lembro como sorria...

O que permito-me,
É viver nesta constante agonia,
Contando as horas, esquecendo-me os dias,
Entregando-me à noite,
Fria, vã, vazia...

O que trago comigo é o meu corpo,
Pão que alimenta
Os de funesta alma e fétido corpo,
Assim como eu,
Perdidos sem rumo,

Sem prumo, sem lasciva, sem amor.

E a minha vida,
Esta, continua vazia,
Sem brilho, sem luz e sem cor.
Retrato em preto e branco,
Maculado pela pungente dor.

Moro onde o acaso permite-me,
Onde o céu outrora anil,
Cobriu-se das cinzas da poluição...
Manchando meu féretro corpo,
Estendido aqui nesta praça condenado à escuridão...

EM MIM

Quero que me entendas nas entrelinhas
Não apenas nas palavras ditas, óbvias.
Quero que me desvendadas no olhar
No silêncio do meu mistério.

Quero que me ames com volúpia, com paixão.
Quero que me prendas em teus braços, deixe-me sem chão.
Eleve minh'alma com o toque da tua mão.
Quero te prender em mim,
Num momento eterno.
No improvável dos instantes em que me possuis.
Onde somos um.

Quero gritar no silêncio,
O meu prazer profundo.
Quando a lua nos envolve, e soberana brilha sobre nós.

Quero acordar a noite, e o dia também.
Porque ao teu lado, ao teu lado as horas não passam
Os relógios não têm ponteiros,
E os dias sorriem.
Mesmo quando, ainda, é madrugada.

Quero teus beijos quentes
Nas frias noites de solidão
Quando tenho medo do escuro
E acendo todas as luzes da minh'alma
E prendo firme tua mão...

Enfim, quero todos esses instantes,
Esses momentos.
Quero ser, quero ter.
Ter você.
Sempre.
“Em Mim”...

ABUTRE VORAZ

No sol quente e escaldante do sertão
Onde o vento queima feito labareda
O homem labuta à procura de pão, alimento visceral.
Usa a enxada, arma da sobrevivência,
Como um guerreiro usa o seu punhal.

Calangos, mandacarus, xiquexiques.
São suas companhias do dia-a-dia,
Compartilham seus ais,
Seus dias quentes, as noites vazias.

A Morte à espreita daquele que jaz.

O solo infértil, seco da chuva
Cheiro de morte exalando do chão
Animais ressequidos, virando poeira
Ao seu lado um abutre voraz,
Faz-lhe companhia, disputando seus féretros restos com os demais.

Cotidianamente o homem, menino,
Bicho, rapaz.
Em busca da sobrevivência,
Fugindo das garras da “indesejada das criaturas”,
Abutre se faz.¹

POESIA (IN)PERFEITA

Não quero rimas fáceis,
Quero o vento espalhando meus versos jogados sobre a mesa, escritos em um papel
qualquer.
Quero todas as palavras que caibam em mim,
Na minha poesia, na nossa velha canção que guardo na lembrança.

Quero a metamorfose das idéias,
Da minha fantasia desenhada nas nuvens,
A procura de alguém a decifrá-la.

Quero a poesia imperfeita
O soneto inacabado
O epitáfio imortalizado
A causa do meu viver.

¹ Poesia participante do XV Festival Sertanejo de Poesia em Dezembro de 2009. Aparecida-PB.

FLOR Bela

Sou tua rosa,
Poeta menina,
Tua flor em todas as estações.

E tu, que és, respondes pra mim?
- Espinho ou beija-flor.

Se fores espinho,
Sou flor despetalada,
Oh, Triste,
Pobre coitada.
sem verso, sem rima.

Se fores beija-flor,
Sou flor desabrochada,
Sou Flor, Sou Bela
- Florbela,
Poetisa mais que amada...



| Ensaio

A FICÇÃO CIENTÍFICA, OS ROBÔS E A MODERNIDADE

- primeira parte -

Por João Matias de Oliveira

HÁ ALGUNS MESES TENHO ME DEBRUÇADO sobre a coletânea de contos organizada pelo bioquímico Isaac Asimov, junto de Patrícia S. Warrick e Martin H. Greenberg, intitulada Histórias de Robôs. De bolso, editada pela LM & Pocket, algumas figuras conhecidas da ficção científica. Arthur C. Clark, Philip K. Dick e talvez o próprio Asimov sejam os mais notórios entre os outros integrantes do time, que ainda se compõe de: Gordon Dickson, Murray Leinster, Poul Anderson, John Brunner e Harry Harrison. Ao palmilhar as pouco mais de duzentas páginas do livro, o sentimento é de empolgação, frieza, indiferença, ora ou outra de rútilos de exuberância e criatividade. Mas o que pretendo mesmo, no Volume 3 da coleção que então se encerra, prende-se nas palavras de Isaac Asimov no auto-explicativo prefácio ensaístico “Os Robôs, Os Computadores e O Medo”.

Frente ao tema forte no imaginário social, algumas notas do próprio Asimov (2007) acerca do caráter mecânico da sociedade para a qual escreve:

“Mais estranha ainda é a tenaz oposição a qualquer modificação no teclado das máquinas de escrever, embora o padrão universal de hoje em dia seja um disparate criado pelo inventor do instrumento por motivos banais. O mais avançado dos computadores atuais (inclusive o que estou usando neste instante) emprega esse teclado. Na realidade, ele diminui a velocidade datilográfica por causa da utilização desproporcional das duas mãos, principalmente ao favorecer a maior aplicação da canhota num mundo em que noventa por cento da população é mais hábil com a direita.”

“Por que essa atitude refratária a mudanças?”

Okay, Houston, we have a problem. Asimov repreende o leitor com considerações acerca do processo lento de reeducação. Para ele, as pessoas adultas “gastam infinidades de horas para se habituar com polegadas e milhas, com os vinte e oito dias de fevereiro, com

letras que não se pronunciam, em *night e debt* por exemplo, com exercícios de datilografia e *sabe Deus mais o quê*". Algo de novo implicaria uma volta aos primevos anos da descoberta do fogo, na qual a humanidade sorria mediante uma fagulha iniciada por um raio e seu subsequente espraiamento pelo vento. Seria talvez como uma volta à estaca zero com o medo de este fogo se elevar e o incêndio, então sucedido, fosse a revolta dos deuses da modernidade contra a humanidade pagã. Trocando o fogo por palavras: correr o risco tão conhecido de possíveis fracassos.

É do *"espantoso mundo da antecipação"* que Asimov fala aos contemporâneos e leitores de um ou cinco séculos adiante. Medrosos ou não. Enfatizando riscos, questões de ordem moral e ideológicas, há no correr do breve ensaio iniciador de *Histórias de Robôs – Volume 3* – um questionamento acerca do impacto do progresso da robótica. Para além do discurso tecnófilo (como o próprio autor se define), reside escondido um foco nas questões sociais de recepção da obra, de inserção dos autores em uma modernidade incipiente, mas cujas fagulhas de silício nos microchips, robôs e computadores já se mostra sendo alçada pelo vento sombrio da floresta. A ciência nunca foi tão ambiciosa e nem ainda tão assustadora:

"Mas o que importa, afinal, não é o "robô", que consiste no sistema de alavancas e articulações que executa a função, e sim o computador, que controla essa função, e sobretudo o microchip, que reduziu de tal forma as dimensões do computador a ponto de já se ver nele o futuro rival do cérebro humano, em matéria de condensação e versatilidade."

"Temos que admitir que, pelo menos como concepção, o medo não deixa de ser justificado. Não há nenhum limite teórico visível para a complexidade e "inteligência" do computador. Nem motivos para supor que, devido a deficiências intrínsecas, seja incapaz de igualar e até superar o nível de atividade do cérebro humano."

Esta longa história que perfaz os medos e receios das sociedades ao progresso tecnológico leva Asimov ao insight de um possível paralelo: a revolução industrial e o movimento luddista (manifestantes contra as máquinas que estariam ocupando o lugar dos homens) comparados à então crescente revolução técnica e científica experimentada, sobretudo, pelos Estados Unidos com o pós-guerra e a ascensão de duas potências bipolares, blocos capitalistas e blocos soviéticos. A conclusão é: um complexo de Frankenstein nos assola. Complexo no qual a perspectiva do monstro revoltoso contra o criador, clássico da ficção científica escrito pelas mãos de Mary Shelley, revelaria o "complexo do Frankenstein", destacado pelo próprio Asimov como a síndrome da tecnofobia. Ou seja, esta

sensação chinfrim de o cérebro humano, composto de ácido nucléico e proteínas em meio aquoso, resultante de três bilhões e meios de anos de evolução biológica (baseada, como você sabe, em efeitos de mutação, seleção natural e outras influências) contra uma composição de interruptores eletrônicos e corrente elétrica em meio metálico, com apenas 40 aninhos de aperfeiçoamento da criação humana. Eis o computador.

Naturezas diferentes: é o que se espera de duas inteligências distintas (uma biológica, e outra eletrônica), com vigorosas diferenças de estrutura, históricos, desenvolvimentos e objetivos. Mas se Deus nos legou essa bela capacidade de sentir, aos computadores o opróbrio seria não calcular tão bem. Se avaliados pela capacidade de resolver problemas aritméticos mais rapidamente, e se tal tipo de habilidade servir de critério para avaliar a inteligência, tais computadores podem ser aclamados por sua superioridade intrínseca. Mas estando exatamente as virtudes humanas nas blandícias do erro, mesmo frente a situações em que a “visão do todo”, a sensibilidade da perspicácia, a originalidade da criatividade e, sobretudo, uma intuição sugestiva são úteis para, por exemplo, decidir a pena criminal de um cidadão, os computadores são terrivelmente ignorantes. Ou algozes arbitrários. O certo, conforme reflete Asimov, é que preparamos os computadores para corrigir deficiências as quais seres humanos como eu ou você não contemplam em suas próprias qualidades. Ou seja, não há computadores intuitivos e criativos unicamente porque não se exige isso. Em um mundo funcional, com códigos e padrões pré-estabelecidos, os problemas são divididos em etapas claras e lógicas cujo único intento é vê-las cumpridas. A simples constatação de que entre um Yes e um No não há um Maybe (Talvez), um humano “talvez”, sugere uma instrumentalização da razão/racionalidade. E se há, conduz a situações na qual o Yes e o No voltam límpidos e risonhos.

É uma dúvida cruel:

“Para que se esforçar em levar os computadores a desenvolver uma capacidade tosca de serem criativos quando já dispomos do cérebro humano, que faz isso tão bem? Seria tão sábio e prático proceder desse jeito quanto propor-se a treinar determinados seres humanos para executarem rápidas proezas matemáticas segundo os moldes de um computador”

E até certo ponto uma angústia, auspício ou lamentação:

“Por outro lado, duas inteligências diferentes, especializando-se em objetivos diversos, cada qual com sua utilidade, podem, num relacionamento simbiótico, aprender a colaborar com a lei natural do Universo de forma mais eficiente do que separadamente. Encarado dessa forma, o robô-computador não nos substituirá, mas servirá de amigo e aliado na marcha para um futuro glorioso”

Mas, quando a tecnofobia asimoviana, além do medo de que o progresso tecnológico tire o emprego de muita gente ainda traz consigo uma criatura semi-perfeita criada pelo homem, fica posta a dúvida: qual o limite real da inteligência humana? Afinal, uma criatura com braços e pernas, pele artificial e conjunto de características que podem muitas vezes confundi-lo com um ser humano: como uma criação perfeita assim poderia vir do homem? Sob que auspícios? Condição única de coexistência entre seres humanos e robôs, Asimov desenvolve em seu livro *Eu, Robô* (o qual foi adaptado para o cinema) as três leis da robótica (vista também como uma saída para os muitos enredos repetitivos na ficção científica de homens e robôs):

- 1ª lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.
- 2ª lei: Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei.
- 3ª lei: Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e Segunda Leis.

Pseudo-humanos. A criação de um autômato, de um pseudo-ser humano, por um inventor também humano é, ainda, interpretada como paródia da criação da humanidade por Deus. Nas sociedades cristãs onde Deus é aceito como o único criador é sacrílega qualquer tentativa de querer imitá-lo, ainda que na ficção científica ou na robótica inexistam intenções conscientes em tal sentido. Mas materialmente é tudo diferente, ou seja, as coisas conforme vistas e experimentadas neste mundo concreto são tão diferentes quanto a ficção científica o é da realidade:

“Na ficção científica, o robô é criado com a maior perfeição. Na vida real, porém, o que hoje chamamos de “robô industrial” não passa de um braço complexo e computadorizado, sem a menor semelhança com o ser humano. Fica muito mais fácil, portanto, visualizá-lo como máquina

complexa do que como pseudo-pessoa, mais temido pelo efeito que produz sobre os empregos do que pela imitação sacrílega de nós mesmos.”

Cito, em título ilustrativo, dois contos presentes na coletânea de Histórias de Robôs. Um deles, Uma Lógica Chamada Joe, escrito por Murray Leinster em 1946, faz alusão à utilidade doméstica futuramente atribuída aos computadores. A “Lógica” de Leinster é um box metálico, no qual todo o conhecimento do mundo, da vida e do tudo é respondido por esta máquina que, de uma simples utilidade criada, Joe (nome atribuído ao primeiro computador) reproduz-se e instala um caos social com respostas para perguntas como “qual a senha do banco tal” ou “como posso me tornar presidente”. Joe é um Google mecânico para o qual respostas tem de ser claras e precisas a quem quiser perguntar. Isso em 1946. Joe é temido e, por fim, proibido e trancafiado pelo próprio dono, o qual não sabe quando poderá utilizá-lo novamente, mas cogita. E assim se encerra o conto. Cerca de 40 anos depois surge os sites de busca: Google, Yahoo etc.

Outro, para acirrar ainda mais a influência de computadores e robôs sobre o que se chama de modernidade, é o conto Prova, da autoria do próprio Isaac Asimov no ano de 1946. Nele, há a insinuação de que um robô poderia ser capaz de governar um estado normal, com seres humanos normais, guiado pelas três leis da robótica (descritas acima) e cujos padrões éticos seriam bem mais sólidos do que os observados na maioria dos políticos convencionais. O conto narra uma história vivenciada por funcionários do governo de um Estado influente, pelo robô cuja similaridade com seres humanos é tamanha que lhe é permitido concorrer legalmente às eleições do governo (mas imprecisa o suficiente para despertar a reação dos adversários) e, por último, a psicóloga de robôs, encarregada de provar se o candidato em questão é ou não um robô. Bem entendido: neste Estado, não se permite robôs candidatos a cargos públicos. Para não estragar o prazer de quem ainda irá se debruçar sobre o texto, não narro como tudo acontece, mas fica claro no decorrer do conto que o robô candidato às eleições é dado a uma sucessão de provas: “ele é ou não um robô?” Ele, Robô, busca a todo tempo respeitar as leis asimovianas e ainda assim consegue, a todo custo, passar por um teste maior e “provar” ser um não-robô, mas a partir de uma atitude típica humana, simulada por um segundo robô, de modo que não se desrespeitasse qualquer das tais leis da robótica (um código de ética indevassável). Curioso? Mais ainda é a reação da sociedade ficcional a uma criatura perfeita, incapaz de qualquer falha ética ou deficiência moral.

Para a complexidade de um ensaio acerca da ficção científica e dos indícios sugestivos da modernidade nas relações entre ficção, sociedade e literatura demonstrarei em uma

segunda parte deste ensaio quais as questões acerca da racionalidade instrumental, da chamada dialética do esclarecimento e do conceito de modernidade como um risco constante, em que o fogo, mesmo sendo útil, traz por consequência o incêndio; a agricultura, prejuízos para o solo; o avião, a possibilidade do bombardeio aéreo; a tecnologia, a invenção de bombas de hidrogênio, além de computadores que operam máquinas para matar pessoas. Na ficção, tudo isso se expressa em um contexto específico da literatura de alguns escritores. Mais especificamente, na fase em que o progresso tecnológico, em real, punha dúvidas sobre a natureza de nossas ações e criações, bem como a literatura expressaria a realidade palpável e reflexiva de artistas preocupados e engajados no próprio tempo.

A segunda parte virá na edição de Julho da Blecaute. Coming soon.

Referência bibliográfica

Asimov, Isaac. In **Histórias de Robôs 3 v.** /ET. Al./ ; tradução de Milton Persson. **Os robôs, os computadores e o medo** – Porto Alegre: L&PM, 2007.

JOÃO MATIAS DE OLIVEIRA NETO (Paraíba/Ceará) – Escritor, autor dos livros de contos *Aos Olhos de Outro* (2007) e *O Vermelho das Hóstias Brancas* (2009). Blog: <http://blogmatias.org>

| conto

À MEIA LUZ

Por Janailson Macêdo Luiz

AS RECORDAÇÕES MAIS NÍTIDAS QUE EU GUARDO do meu avô paterno estão associadas à última visita que ele nos fez, poucos meses antes de morrer.

Era março de 1997 e o vô Alcides ficou hospedado, por cerca de uma semana, no nosso apartamento, enquanto tentava descobrir a origem de alguns caroços e manchas que, como uma praga de ervas daninhas, brotavam em vários pontos de sua pele.

Se dependesse do meu pai, ele já teria há muito tempo largado a vida no campo e se instalado de vez na cidade. No entanto, o velho sertanejo se negava a modificar a maneira de viver. Mesmo beirando os oitenta anos, ele nem cogitava se distanciar do cuidar diário da terra e da própria subsistência e poucos dias longe de seu sítiozinho já o deixavam inquieto.

Durante aquela visita, quando não estava com o meu pai em alguma clínica ou consultório, ou apenas dormindo, o vô Alcides se sentava mansamente na sala, mantendo uma postura muito respeitosa e formal. Às vezes, levantava-se e ficava observando, pela janela do segundo andar, os prédios vizinhos e as pessoas passando pela rua, ou simplesmente ia para o quarto, ficar um pouco só.

Após o jantar, mais para ser educado do que para se entreter com a televisão – passatempo que não lhe despertava o interesse –, ele retornava à sala, para fazer companhia aos meus pais. Contudo, nessas horas, seus pensamentos pareciam estar direcionados exclusivamente às recônditas e enigmáticas programações de sua memória.

Eu, curioso como era, dedicava boa parte do meu dia a observá-lo e não o via somente como um velho que sempre usava os mesmos sapatos pretos, já desgastados, calças sociais um pouco velhas e camisetas de botão; também não via apenas seu semblante melancólico, sua pele negra, seus cabelos branco-algodão ou suas costas envergadas pelo tempo. Era como se eu fosse uma pequena árvore que tivesse encostado as suas raízes nas de uma árvore gigante, a mesma cujas sementes a originaram. Sentia-me como aquela árvore que, de uma só vez, entrara em contato com os rastros que lhe indicavam o caminho de sua

formação, da sua substância primeira, mas que acabara de descobrir que já constituía um outro corpo, um outro espaço; que embora possuísse um destino de certo modo comum com a sua ancestral, já estava há um bom tempo se desenvolvendo de acordo com um ritmo próprio.

Certa noite, o vô Alcides se encontrava na sala, como sempre, junto aos meus pais, que assistiam ao telejornal enquanto esperavam o início da novela das oito. De um momento para o outro, entretanto, a distração dos dois foi interrompida, pois faltou energia no nosso prédio e, como logo percebemos, em todo o nosso bairro.

Naquele momento, eu me encontrava no quarto, jogando, concentrado, videogame com um amigo. E também acabei sendo pego de surpresa pelo apagão. O que nós jogávamos? Já não me lembro com exatidão, lembro apenas do vídeo-game, um Nintendo já usado que eu ganhara de presente no natal anterior. Mas, de toda forma, quando se tem doze anos, ser interrompido durante uma partida de qualquer tipo de jogo, real ou virtual, não é nada excitante. Meu amigo e eu, certamente acometidos por uma frustração juvenil agudíssima, tivemos então que ir para a sala, fazer companhia aos adultos. Quando chegamos lá, encontramos a minha mãe, que havia ido procurar velas e já voltava à sala segurando uma espécie de candelabro improvisado, onde a vela é fixada com a própria cera numa lata vazia de leite em pó.

A vela, posta no centro da sala, propagava solitariamente suas ondas de luz por todo o ambiente, tornando-se o centro atrativo dos olhares de todos no local. Meu amigo e eu passamos a utilizar as migalhas de luz saídas da chamazinha amarelada para projetar serpentes, coelhos e outras criaturas nas paredes, mas ambos deveríamos estar rezando, em silêncio, para a energia voltar logo.

Os meus pais, por outro lado, matavam o tédio conversando sobre as notícias que tinham acabado de assistir na televisão, e o vô Alcides, alheio a tudo aquilo, mantinha-se em companhia dos seus pensamentos mais íntimos.

Ainda bem que aquele clima insosso não durou muito. Aos poucos, com a sala iluminada apenas pela meia luz da vela, foi sendo criado o clima ideal para se contar histórias, principalmente as de assombração, das quais o meu avô guardava um amplo estoque na memória. Sabendo disso e vendo que aquela seria uma ótima oportunidade para mostrar para mim e para o meu amigo a importância de determinadas tradições, cada vez mais deixadas de lado, o meu pai pediu que o vô Alcides contasse uma daquelas histórias que tanto gostava de narrar.

– “Pai” – disse ele enquanto tocava na perna do vô Alcides – “O senhor ainda se lembra daquelas histórias que o senhor e a minha mãe costumavam contar à noite, lá em casa, quando eu era pequeno?” – o meu avô foi repentinamente trazido de volta do seu mundo interior, com uma expressão de quem estava se sentindo ao mesmo tempo surpreso e animado por uma boa recordação.

– “Vixe meu fio, aquilo já faz muito tempo...”

– “Tenho certeza que o senhor ainda se lembra... Porque não nos conta uma delas agora?”

– “Num sei seu me alembro mais daquilo não fio...”

– “Claro que se lembra homem, essas coisas não se esquecem assim...”

– “...”

– “Pode ser uma daquelas de cangaceiro... Isso! Conte uma daquelas histórias de cangaceiro, pra esses meninos verem o que é uma boa história, bem melhor do que essas bobagens que passam hoje em dia nesses desenhos sem graça da tevê... De Lampião, pronto! Conte uma de Lampião! Dessas daí não tem jeito de se esquecer”.

– “Vixe, logo Lampião? Deixa eu pensá...” – Ele parou um segundo para matutar, como que esperando a roleta da memória interromper os seus giros e lhe dizer que acontecimento real ou imaginário deveria trazer à tona. O que não demorou muito. Súbito, com um sorrisinho tímido, o velho nos apresentou, sem rodeios, uma história guardada bem lá no fundo do seu alforje, não se sabe se inventada por ele ou se captada numa das muitas rodas de conversa que participou durante a vida.

– “Pois bem” – reiniciou – “Me alembrei de uma agora... ocês tudo já deve de tê ouvido falá muito em Virgulino Lampião, o famoso Rei do Cangaço, num é mermo?” – E se calou por alguns segundos. Meu amigo e eu ficamos impressionados, sem saber se deveríamos responder ou continuar em silêncio. Minha mãe também permaneceu muda; e meu pai, que conhecia bem o processo que estava se iniciando, abriu um sorriso discreto, mistura de satisfação e orgulho contido.

– “Só que o que pôca gente sabe” – continuou – “é que Lampião, o cabra mái valente que os sertão já viro, que botava pra corrê policiá froxo e coroné metido a brabo, certa vez passô um bom tempo sem dormi direito, atormentado por uma aima penada que, toda noite, parecia nos sonho dele.

Dizem até que nem uma reza do próprio Pade Ciço Romão, em pessoa, conseguiu fazê com que o hôme deixasse de tê aquelas visão. Toda santa noite, desde que havia se

instalado com seu bando lá pros lado de Juazeiro, Lampião via aparecer um véi em seus sonho, que não falava nada, ficava só oiando, parado, pra ele. Aí toda veis, bem no mêi do pesadelo, o cangacero acordava assustado e logo ia empunhano a pexera, que sempre guardava ao seu lado, pra ver se mandava de vorta a assombração pros quintos dos inferno.

Eita que dava um trabaio danado pra pobre da Maria Bonita convencê ele que aquilo era só mai um sonho ruim!

Só que teve um dia que enquanto espiava pelas redondeza, o cangacero chegô até uma casinha muito da antiga, onde vivia sozinha uma muié já de certa idade. Quando ele entrô na casa e começô a conversá com ela, avistô um retrato antigo de um hôme na parede. Ave Maria! Lampião, que nunca tinha andado pela'quelas banda, de cara, reconheceu o tal do hôme no retrato. Pois num é que se tratava do memo condenado que parecia nos pesadelo dele! Só que no retrato ele tava um pouquin mai moço. Mais era o memo, num havia dúvida! Lampião resolveu então de contá pra véia tudo o que tava se passano. E ela disse pro cangacero que aquele hôme do retrato era o seu falecido marido, que morrera de morte morrida, uns poucos dias antes. O que deixou Lampião muito do desconfiado. A véia disse também que nos últimos tempo o marido andava aperreado de dá dó, tentano encontrá uma botija chea de ouro, que um tio dele, segundo dizia o falecido, havia enterrado há muito dos tempo por aquelas área.

Não que o falecido fosse ganancioso, isso num era não, garantiu a véia com toda a sinceridade pra Lampião, pois durante vários ano ele nem tinha ligado pra essa história da botija. Mais como um dos fio deles, que morava lá pra bandas do Recife, tava muito do doente, precisano de dinheiro pras consultas e pra operação, que custava mai que os dois óio da cara, o hôme decidiu averiguá se a história da botija era de verdade. Ora, todo santo dia ele cavava, procurano a tal da botija. Era buraco em cima de buraco feito naquela terra seca, e nada... Até que um dia ele desanimô e de tanto do desgosto por não pudê ajudar o fio, acabô morreno.

Lampião, sabeno que o véio que parecia nos sonho dele era um hôme de respeito, tentô conversá com ele durante a dormida, e perguntô o que é que ele tava quereno afiná. Mais quem foi que disse que o véio respondeu? Ficô foi oiando pra Lampião com aquela cara lesa de aima penada. Só que quano Lampião já tava pensano em desisti, o véio resolveu de se desempabulá. E quano resolveu de abrí a boca, ele disse foi uma coisa muito da estranha: que na manhã seguinte, o primeiro arubu que o Rei do Cangaço avistasse pelos céu, ele fosse atrás. No pedaço de terra, óia que coisa mái da doida, no pedaço de terra

adonde o arubu pousasse, Lampião devia de cavá bem fundo, e descobriria o motivo de tá teno aquelas visão.

Mas num é que foi dito e feito?! Mal Lampião acordô, avistô a ave agourenta passeano sem avexame nenhum pelos céu e começô a ir atrás dela. Só que o arubu não demorô muito a pousar não. Ele logo deceu junto a um umbuzero bem grande e ficô parado lá, só curtino a sombra do umbuzero. Aí Lampião, que ainda num tava acreditano muito que tava fazeno aquilo de verdade, mandô que um dos seus cabras fosse até a casa da muié, pra pedi a pá do falecido emprestada, pra cavar um buraco onde o arubu pousô.

Durante as escavação, sem mái nem meno, a pá bateu em algo bem duro. Mais num é que quano o cabra cavô mais descobriu que ali tava enterrada uma botija, com num sei quantas moedas de ouro! Ah! Mas os cabra de Lampião ficaro tudo doido ao ver aquela dinherama toda... eles começaro logo a falá em como iam gastá o dinheiro com muié, bebida e mái um bocado de bestera... Só que ocês num pensem que o Rei do Cangaço quis ficar com o ouro não! Não que ele fosse de negá dinheiro. O que Lampião num queria era passar o resto da vida seno atormentado, todas as noite, pela aima penada do véio. Por isso, muito do sério, ele mandô que os cabras calasse a boca e parasse com aquele pantim todo.

Sem muita da conversa, o chefe dos cangacero foi até a casa da muié e dexô a botija com ela. Pronto! Aí a véia num instante arrumô uma mala, com as poucas coisa que tinha, e saiu avexada pro Recife. Ninguém sabe se é verdade, mais dizem que graças a botija chea de ouro, que Lampião entregô, ela conseguiu saivá o filho e os dois vivero um bocado ainda. O suficiente pra gastá aquela dinherama toda. Já Lampião tava aliviado por tê se livrado da aima penada do véio e vortou aos seus afazere de cangacero, que andavam cada vez mais dos dificultoso, pois as volante num tavam dano trégua pra ele não, caçano ele sem trégua nem piedade por esse mundaréu afora”.

Quando concluiu a narrativa, assim como vinha fazendo de modo mais discreto enquanto a pronunciava, meu avô observou, com sutileza, as expressões de curiosidade, satisfação e encanto delineadas nas faces de todos na sala, principalmente na minha e na do meu amigo. Lembro-me que seu falar característico, do tipo que hoje se considera em extinção ou é erroneamente estereotipado nos filmes e novelas, e sua voz suave e envolvente me deixaram maravilhado. Meu pai também estava enlevado e comentou que já não lembrava mais de quando tinha ouvido pela última vez aquela história. Minha mãe, meu amigo e eu, entretanto, permanecemos calados, comunicando-nos apenas através dos brilhos dos olhares.

O velho contador de histórias conhecia bem esse tipo de reação, sabia que todos ali ansiavam para ouvir mais uma narrativa como aquela, mais um acontecimento místico dos tempos antigos, sobretudo se envolvesse personagens carismáticos como o Rei do Cangaço, além de outros atrativos, como almas penadas e finais felizes. Ele parecia já estar até, no íntimo, consultando seu repertório lendário e se preparando para a segunda rodada de prosa, onde teria uma performance ainda mais cativante.

Mas, de repente, a energia do condomínio voltou, trazendo de volta a luz para a sala e a força vital das máquinas domésticas. Meu amiginho e eu, com a impaciência típica da idade, logo corremos de volta para o videogame. Na sala, a televisão também foi religada, de modo automático, sem qualquer reflexão. O que alegrou bastante os meus pais, que se deram conta de que não haviam perdido nenhuma parte significativa da novela.

Mas o vô Alcides não demonstrou ter se aborrecido com a nossa falta de sensibilidade, a qual já devia estar acostumado. Ele ficou calado por alguns instantes e, logo depois, já sonolento, despediu-se dos meus pais e foi para a cama. No entanto, não conseguiu esconder que, por dentro, estava sentindo o seu nostálgico coração transbordar, de tanta saudade acumulada; talvez saudade de quando, numa casinha de taipa, iluminada apenas pela meia luz da lamparina, escutava seus pais contarem, cada um ao seu turno, dezenas de histórias de Trancoso; saudades de todas as pessoas queridas, com as quais conviveu e compartilhou suas melhores histórias; e saudade do seu tempo de narrador prestigiado, dos seus tempos bons, de tudo o que havia ficado para trás.

Menos de um ano depois, o vô Alcides faleceu. O homem forte e trabalhador fora derrubado por um câncer de pele, descoberto, já em estado avançado, durante o período em que esteve conosco. Mas eu quase não me recordo dos seus meses de agonia, ou melhor, dos meses de agonia do meu pai, que não aceitava que o pai dele preferisse continuar em seu sítio a ficar em Campina e tentar algum tratamento. O vô Alcides preferiu ter o fim que teve. Ele não queria passar seus últimos dias em algum hospital; queria era, quando recém-falecido, receber sem demora o derradeiro abraço da terra que cuidou durante toda a sua vida.

| Humor

A ÓTIMA TENTAÇÃO

Por Valdênio Freitas

LAMENTO ETERNO: ocupações, obrigações, datas.

Do outro lado, a boêmia clama pela tua presença

- Não te preocupas, amigo. Jesus Cristo tinha nos seus planos uma crucificação e nem por isso deixou de se esforçar para tomar um pouco de vinho.

VALDÊNIO FREITAS MENESES (Paraíba) – Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e cronista do blog: <http://www.oaeropago.blogspot.com>

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA

OLHOS

De repente descobro

A lavada beleza de teus olhos.

(Entre mim e o sono

Trazes um sol nos lábios

E nos seios de Vênus.)

Teus olhos são como céus que choveram.

FRAGMENTOS DA PAIXÃO

I

Certo dia, no meio do caminho
que me arrastava os pés no Templo alado,
deparei junto a mim o burburinho

de um turbilhão de seres extasiado
ante a férrea, magnética presença
de alta torre de vidro. Fascinado

pelo esplendor da aparição imensa
— sombrio resplendor de negra opala —
também eu, que ao cantochão da descrença

me embalava, já cansado, já farto
de

de arrastar pelo Planeta os andrajos
de minha solidão, entrei cantando

no torvelim das almas que em ciranda,
ébricas, descendo, trêmulas, em bando,
iam o adro da Torre demandando.

Ali paramos ante os negros vidros.
Abriram-se-nos portas densamente aliciantes.
Envolveria-nos algo como um olhar pegajoso

de hipnose. Dançando ainda, entramos
nos amplos elevadores. Apertamos
os botões para o último andar. E lentamente

fomos descendo.

II

Apagaram-se os sóis. Ficamos sabendo,
sem que voz o dissesse, que a alegria
era infração à Norma. Mas autônoma,
senhora de nossos corpos, prosseguia-se a dança,
e era música o contínuo terror, o temor expectante em
que nos fizéramos,
regente atra Presença,
opressão de presentida Espreita rapinante no escuro,
surda Vibração de ala implume.
Lá fora o claro dia era um sonho remoto.
Nas trevas, no pavor, Suas invisíveis milícias,
Seus ocultos exércitos
espancavam a multidão em fuga para Nenhures.
Esquecidos na entrada os amuletos!
Total desamparo! Começava

o sem-sentido, o sem-nexo,
o mergulho real.

Eu me apagava.

III

E de repente estava só de novo,
e descia. Meus andrajos de púrpura cintilavam
torvamente. E descia.
Entre seis paredes de ar pesado,
corte vertical na rocha,
solitário descia.
Os muros me estreitavam. Eu me espessava.
E descia.

IV

Oh solidão da vida!
Oh solidão da morte!
Oh solidão amarga!

Nas paredes da rocha em descendente fuga,
vou escandindo
às pedrarias abissais, de faiscações inversas
— invertida luz, caliginosa
luz, antiluz
que só o negror desvela —,
as sílabas terríveis
do terrível grafito.

Oh! Que esperança para a humana raça
não é por estes subterrâneos astros!

V

Na Planície sinistra
cuja monotonia apenas quebra
um torvo rio, de mim mesmo apeio-me.
A atra, oculta Presença
comigo se confunde.
E solene olho em torno os meus domínios.
Glebas de solidão.
Províncias de ódio.
Sesmarias de escuro.
Céus tombados.
Sombra. Medo. Pavor. Angústia. Inferno.
E em meu Domínio eis-me senhor escravo.

Aniquila-me, ó Deus! Antes o Nada
que a privação do Sonho e da Esperança!

VI

E as falsas ascensões!... Elevadores que parecem subir
mas não chegam, não se abrem, ou sobem no vazio,
ou param ameaçadores, ou se escancaram sobre estruturas
instáveis, e despencam para um poço que tarda,
para um fim que não vem, que não vem, que não vem!

VII

Mas num relâmpago,
fugitiva fração do escoar da areia,
descuido do Diabo, após milênios,
de milênios de abismo,
de um infinito negar do clarão, da centelha,
eis que, de abscônditas
nebulosas em flor desabrochada estrela,
estrela de beleza, do mistério

de ser o homem uma luz que tenta brilhar,
a Tua Face, ó Deus, lúcida Se revela!

Já não me desespera,
vislumbrado o Teu sol, Senhor, se agora,
em vez da redenção, ainda me espera
o surdo recomeça
da negra eternidade.

Daqui, do mais profundo deste inferno,
fadado ao Teu Amor,
sonho-te, ó Deus, essência cristalina.
E sei que alfim, ao fim da Eternidade,
ascendo a Ti, ascendo a Ti, Senhor!

CRIANÇA CHORANDO

Para meu filho Anderson

Teu pranto abala as raízes da noite
Tuas lágrimas reanimam a velha metáfora
e molham consteladamente o lençol.
Da obscuridade da tua fome
e do teu desamparo
clamas pelo dia, o teu dia.
quando fraldas e cueiros serão retratos esquecidos no álbum
e mamadeiras e chupetas se farão sorrir sobre outros berços.
Da noite do ventre materno saíste para a penumbra
e choras.
Tão pequeno e já franzes a testa.
Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem
e te constróis impacientemente.

SEMÂNTICA

As palavras morrem,

Virgens, de usura,

- *Fartura* –

As palavras

Finam-se de desuso.

As palavras desviam-se,

Mudam de órbita

- *Democracia* –

As palavras, satélites

Forçados a novos planetas.

As palavras ocam-se,

Deslembrados signos

- *Paz, Amor* –

Por onde o pensamento,

Como um óleo, vaza.

As palavras gastam-se,

Oxidam-se de malícia e asco

- *Liberdade! Liberdade!*

As palavras.

SONETO SEM DESPEDIDA

Para Waldemar Lopes

Buscas da infância o inexorável pomo,
pinta-lo em cores de memória, abstrato
e belo; mas, melhor que nesse cromo,
trazes no coração seu cerne, intato.

O que ganhaste em Tempo e em Ritmo exato,
dize-lo perda e no-lo dás em Nomo.
E, agora que te vais de nosso trato,
tampouco ir-te-ás quanto imaginas. Como,

da noite, a fugitiva claridade
solar dissolve em luz os tons soturnos –
permanece entre nós tua alma antiga

na dimensão do Sonho sem idade;
e, em teu Reino de pássaros noturnos,
tua presença matinal e amiga.

ANDERSON BRAGA HORTA (Distrito Federal/Minas Gerais) - Poeta, Contista e Crítico Literário. Vencedor do *Prêmio Jabuti* em 2001, com o livro *Fragmentos da Paixão* (Poesia Reunida). Boa parte dos poemas aqui publicados foram retirados da sua antologia *50 poemas Escolhidos pelo Autor* (2003).

| Ensaio

A PALAVRA PERPLEXA: DIFICULDADES DE SER ESCRITOR NO BRASIL

Por Bruno Gaudêncio

I

EM UMA DE SUAS MAIS BRILHANTES REFLEXÕES, o carioca Machado de Assis, - maior expoente da história literária brasileira, se refere à geração romântica, posterior a sua, nas seguintes palavras: “*cada século traz a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões*”.

O lirismo de tal meditação nos alerta sobre as constantes mudanças em cada período histórico no âmbito da produção literária de um país durante um século. No caso específico de Machado, há um deslumbramento no olhar sobre o choque das gerações existentes, que se cruzam ao longo do tempo, entrando em conflitos estéticos, políticos e ideológicos. Tanto a geração romântica, anterior a sua, como a geração naturalista e/ou realista da qual ele fez parte, possuíam um conjunto de ideias que se firmaram de acordo com os *habitus* literários em eminência no século XIX.

Uma curiosidade sempre presente – inclusive nos dias atuais, não só entre críticos e historiadores literários, como também entre leitores, é justamente a compreensão de quais “*luzes e sombras*” são constituídas a atual literatura brasileira, em que “*cortejo de sistemas, de idéias e ilusões novas*” faz parte os nossos mais recentes escritores no início do século XXI. Deste modo, ficam as seguintes perguntas: O que singulariza a atual Literatura Brasileira? Quais os seus principais expoentes? O que faz um indivíduo nos dias atuais ser um escritor? Estas e outras questões são algumas das principais temáticas que irão compor um inquérito literário que pretendo publicar nos próximos anos, e que nesta revista, apresentarei apenas o primeiro capítulo. Tal inquérito, intitulado *Sacudindo os Sentidos do*

Mundo: ensaios sobre a produção literária brasileira contemporânea, visa de maneira geral compreender os papéis dos nossos novos escritores na sociedade brasileira atual.

II

Neste ensaio, o objetivo específico será entendermos quais as principais dificuldades de ser escritor no Brasil na atualidade. Para responder tal questão formulei um questionário, na realidade, mais do que isso, uma espécie de inquérito literário (à moda do jornalista carioca João do Rio). As perguntas foram enviadas via e-mail, entre os meses de julho e agosto do ano de 2007, para 43 escritores brasileiros contemporâneos – todos eles, nomes destacados do cenário literário brasileiro atual, das mais variadas tendências formais, gêneros, gerações e lugares do País. Destes 43 escritores, 21 responderam ao questionário. Foram eles: *Amador Ribeiro Neto, Andréa Del Fuego, Antonio Cícero, Bernardo Azenberg, Braúlio Tavares, Cíntia Moscovich, Cláudio Daniel, Fabrício Carpinejar, José Aloise Bahia, Lau Siqueira, Linaldo Guedes, Luis Estáquio Soares, Marcelino Freire, Márcio de Sousa, Nelson de Oliveira, Nicolas Behr, Nilto Maciel, Paulo de Toledo, Paulo Henriques Britto, Pedro Maciel, Rinaldo de Fernandes e Verônica Stigger*. Ou seja, cerca da metade dos questionados responderam; alguns deles, inclusive, elaboraram respostas de alta qualidade, demonstrando assim que boa parte de nossos escritores têm um interesse nas questões debatidas.

Com as respostas, que se mostraram bem dispares montei este primeiro e pequeno ensaio, embasado não só nas opiniões dos depoentes, como também nas minhas e em alguns livros que tratam atualmente sobre a literatura brasileira contemporânea.

Vamos enfim ao texto, intitulado de *A Palavra Perplexa...* Uma referência aos dilemas da atividade literária em meio às dificuldades de ser escritor no Brasil...

III

Todas as atividades humanas têm as suas dificuldades; a medicina, a engenharia, o jornalismo, a enfermagem; todas enfrentam variados problemas cotidianamente, que podem ser de ordem técnica, intelectual, de infra-estrutura ou de formação. E não é diferente com a arte da escrita; o escritor, tanto nos dias atuais como no passado sofre ou sofreu em seu

campo de trabalho com vários dilemas, sejam de ordem interna ou externa, o que influi diretamente em sua produção.

Indagando aos nossos entrevistados quais seriam as principais dificuldades de ser escritor no Brasil nos dias atuais, alguns deles foram enfáticos ao deixarem claro, antes de tudo, que o exercício literário tem suas dificuldades em qualquer tempo e espaço. Desde que se formou a noção de escritor, de autoria, o que nos remete a modernidade dos séculos XVIII e XIX, o sujeito que escreve e que vive a comercializar suas produções literárias, sofre com dilemas complexos. Nas palavras do poeta gaúcho, radicado na Paraíba, Lau Siqueira: *“Não só no Brasil, mas em qualquer país do mundo, escrever é o maior obstáculo que um escritor pode enfrentar”*. Todavia, nos dias atuais, segundo Pedro Maciel: *“No Brasil é ainda mais difícil porque ninguém lê e o mercado de ficção e poesia é praticamente inexistente”*.

A concepção das respostas dos escritores entrevistados podem ser compreendidas em duas linhas gerais, que muitas vezes se cruzam. A primeira linha está ligada às questões sociais e políticas que inviabilizam a prática e o consumo de literatura no Brasil (baixo poder aquisitivo, alto índice de analfabetismo, etc.). Já a segunda linha está relacionada às próprias questões internas do campo literário (como as dificuldades de serem publicados, de distribuição e divulgação, ou seja, os dilemas com o mercado editorial).

IV

No Brasil quase ninguém lê

As motivações de ordem político-sociais foram as mais salientadas pelos entrevistados. As carências estruturais (sociais, educacionais, econômicas) do nosso país, como baixo poder aquisitivo da população, alto índice de analfabetismo e sistema educacional precário, foram enfatizados no sentido de que estes fatores complicam e dificultam a aproximação dos leitores com a literatura. *“Tudo fica difícil nesse país, desde o básico, como atendimento médico, até o pretensamente mais sofisticado, como viajar de avião. É difícil querer que as pessoas valorizem o trabalho do escritor se não têm o mínimo necessário”*, destaca a romancista paranaense Cíntia Moscovitch, autora do Romance infanto-juvenil *Por que sou gorda, mamãe?*

No mesmo sentido de Moscovitch se referiu o poeta e crítico cultural mineiro José Aloise Bahia: *“No fundo, no fundo, ainda acho que perpassa todas as questões, uma questão*

bem maior: o tratamento dado à cultura e à educação na história do Brasil. Ou seja, resta saber o que os âmbitos públicos e privados fazem com isso, que tipo de valorização existe em relação à literatura e à leitura no Brasil. Um povo que não tem um preparo intelectual, estudos e leituras, um estímulo e educação para a leitura, com certeza, fará com que um mercado consumidor da leitura, de livros e da própria internet seja menor”.

No Brasil, o índice de analfabetismo em 2002 foi de 11,8 %, correspondente a 14,6 milhões de analfabetos nas cinco regiões do país, dados do último Censo do IBGE. Em 1992, a taxa era de 17,2%, o que mostra um declínio de quase 30% em dez anos. Em 2004, os dados do IBGE mostraram ainda uma forte tendência à universalização do acesso à educação para as crianças entre 7 e 14 anos: em, 2002, cerca de 97% frequentavam a escola. Entre as crianças até 6 anos, no entanto, só 36,5% frequentavam creche ou escola. Estes dados positivos, porém, devem ser encarados como uma melhoria de uma situação que sempre se manteve precária.

O outro problema, ainda que na mesma ordem, está ligado ao baixo poder aquisitivo do povo brasileiro. *“Temos que ter uma política cultural clara para a educação, para a leitura e para o mercado consumidor de livros no Brasil. Tem que existir mais estímulos dos setores públicos, das famílias e daqueles que realmente querem um país mais letrado e com maior capacidade de reflexão ao enfrentar os grandes problemas da realidade. Tem que haver uma melhor distribuição dos recursos públicos e uma melhor política (mais transparente e com mais recursos) para incluir a literatura, a leitura e tudo que advém disso no cenário da economia nacional. Sem investimentos nisso, é duro ser escritor no Brasil”*, refere-se José Aloise Bahia.

O fato do livro custar caro colabora com este problema, faltando assim uma política de diminuição dos preços. Segundo alguns escritores, como é o caso do romancista Pedro Maciel, a política de difusão de livros no Brasil não é homogênea: *“Existe um mercado muito aquecido para o mercado de livros paradidáticos e didáticos. O governo brasileiro é o maior comprador de livros didáticos do mundo.”* Tal constatação é realmente verdadeira. Os livros didáticos fazem parte de uma rede de interesses privilegiada no mercado de livros do Brasil. Alguns autores, inclusive, ganham a vida exclusivamente produzindo textos a serviços de editoras especialistas. Até aí tudo bem, todavia, o fato de privilegiar apenas uma parte do mercado editorial demonstra o descompromisso com a literatura de maneira geral pelo viés do governo Federal.

Na contramão dessa política, apesar do grande número de livros didáticos e paradidáticos, somos um povo que não tem o hábito da leitura e isso cai no debate sobre as explicações culturais ou culturalistas. Inclusive nas classes mais favorecidas e aparentemente mais intelectualizadas. “Recentemente houve uma pesquisa que indicou o baixo número de leitores entre os universitários brasileiros”, destacou o contista e ensaísta maranhense Rinaldo de Fernandes, autor do belíssimo *O Perfume de Roberta*. Muitos falam na crise do leitor, ou do livro, como os estudiosos franceses Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Todavia, de acordo com a romancista carioca Andréa del Fuego, mais do que uma crise do leitor, vivemos uma crise do livro, pois ele “*é um objeto caro e mal divulgado*”, por outro lado, ela destaca o fato que “*Há obras de arte por seis reais em banca de jornal, em toda esquina*”. Mais um paradoxo nesse contexto, pois diante dos altos preços da maioria dos livros das famosas editoras brasileiras, existem vários textos literários disponíveis, clássicos da literatura e da filosofia, sendo vendidos a preços ínfimos em bancas de jornal, em farmácias e supermercados de todo o Brasil, sem falar nos livros a disposição na internet. Essas obras, em formato de bolso, estão inclusas na política econômica e cultural de algumas editoras que recentemente fizeram muitos sucessos com lançamentos baratos, como a L&PM e a Martin Claret, o que incitou editoras mais famosas, como a Companhia das Letras, a também lançarem produtos semelhantes. Entretanto, apesar destas políticas editoriais, a conclusão que se chega é da ausência cada vez maior de leitores e leitoras no Brasil.

Não podemos esquecer ainda das Bibliotecas Públicas espalhados por todo o país, e que deveriam ser sempre uma porta para o hábito da leitura. Abro um parêntese para escrever um pouco da minha experiência neste sentido. Desde adolescente frequento as principais bibliotecas públicas da minha cidade, Campina Grande, Paraíba, e foi lá que aprendi, entre as estantes e corredores de livros e revistas a tomar gosto pelos livros. Não foram as insistências e imposições da família ou da escola que me fizeram tornar-me um leitor assíduo.

Mas deixando de lado os fatores pessoais e voltando às questões relacionadas aos fatores culturais de nossa indisponibilidade ou aversão a leitura, fica a dúvida: nós brasileiros, seríamos bons leitores se houvesse uma melhoria da educação? Comprariamos mais livros caso o poder aquisitivo da população fosse maior? Como um problema estrutural, que rompe as barreiras dos tempos e espaços, essas interrogações caem infelizmente numa futurologia inconstante. O que fica como ideal é que “*Ler deveria ser*

um prazer e não um hábito”, como bem disse Pedro Maciel, mas muitas vezes se torna algo penoso e forçado, nas escolas e faculdades e no próprio ambiente familiar.

Como já me referi acima, as concepções das repostas dos escritores entrevistados podem ser compreendidas em duas linhas gerais, que muitas vezes se cruzam. A primeira já foi trabalhada neste ensaio, ligada às questões sociais e políticas que inviabilizam a prática e o consumo de literatura no Brasil. Agora, vamos à segunda linha, relacionada às questões internas do próprio campo literário (como as dificuldades de publicação, distribuição e divulgação, ou seja, os dilemas do mercado editorial). Antes devemos compreender a ideia de campo literário, indispensável para pensarmos as tensões entre o escritor, o leitor e o mercado editorial no Brasil.

V

Questões internas do próprio campo literário

A literatura não é apenas um meio de que a consciência toma emprestada para exprimir, é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade.

Dominique Mangueneau. In: O Contexto da Obra Literária: Leitura e Crítica.

A noção de campo de produção cultural, criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode ser compreendida como um espaço social onde estão situados os que produzem obras (escritores, poetas, jornalistas, etc.) e o valor intrínseco dessas mesmas obras, nas relações recíprocas no transcurso de suas atividades. Como assim? Toda obra e artista só existem dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis que definem a posição de cada um em relação à posição dos outros, ou seja, a uma posição social, em relação a uma posição estética. Esse conceito, também chamado de campo intelectual (versão mais ampla) muito explica as complexas teias de relações existentes entre o escritor, o leitor, a crítica especializada e o mercado editorial no Brasil e no mundo, por não ver com naturalidade as relações entre ambas, explicitando os conflitos muitas vezes encobertos.

A natureza do conceito está na concepção que todo campo tem seus *“dominantes e seus dominados, seus conservadores e sua vanguarda, suas lutas subversivas e seus mecanismos*

de reprodução” (BOURDIEU), havendo assim uma aproximação entre o próprio campo literário com o campo político, visto que, segundo o sociólogo, tanto num campo como no outro, trata-se entre suas práticas de uma questão de poder. *“Aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses, etc.”*

Estas relações de força podem ser exemplificadas muitas vezes nas próprias regras que são criadas para a publicação, por exemplo, quando um autor consagrado faz um comentário positivo ou um prefácio elogioso a um livro de estréia de um escritor jovem e ainda desconhecido. A estratégia existiu e implicou certos interesses políticos internos dentro do próprio campo. Esta estratégia esta ligada à questão do reconhecimento de uma obra e da entrada de seu autor por parte do campo. Portanto, existem traços equivalentes entre o campo político e o literário. Nas palavras de Bourdieu (2004): *“O campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico.”*

O capital simbólico, citado acima, seria, portanto, o capital de reconhecimento ou de consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. Este capital simbólico será então a moeda que fará um escritor ser publicado por uma grande editora, ou não; ser criticado por um crítico literário famoso ou não...

A teoria do campo literário de Bourdieu pode ser vista como uma tentativa de evidenciar que ali onde pensávamos que havia um sujeito livre, agindo de combinação com sua pretensão mais imediata, existe, na verdade, um espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e de decisão de quem dele faz parte. É, pois, contra certa concepção de *autonomia do sujeito* que Bourdieu se insurge de modo enfático. E, ao longo de seu trajeto intelectual, ele elegeu sucessivos objetos onde seria admissível detectar a validade de uma subjacente rede de relações coagindo os sujeitos: a educação, a moda, a televisão, a produção intelectual e artística de uma época etc. (MARTINS).

Dessa maneira, o que se entende é que Bourdieu compreende então a sociedade como um campo de batalha operando com base nas relações de força manifestadas dentro da área de significação. Atitudes, práticas, grupos de poder e decisão, estruturações de imagens... São vários os âmbitos que informam o campo ideológico de uma dada cultura e, para

compreendê-los, o estudioso reconduz, de forma original, o estudo da simbolização às suas bases sociais.

Voltando aos dilemas do próprio campo literário e aos depoimentos de nossos inquiridos, o poeta e ensaísta Cláudio Daniel destaca os caminhos difíceis de se publicar no Brasil, que seriam segundo ele: *“Questões internas do próprio campo literário”*. Para aqueles escritores que estão iniciando a carreira literária, publicar é uma tarefa das mais complicadas, segundo o poeta e jornalista paraibano Linaldo Guedes, o escritor iniciante *“no mais das vezes só consegue isso quando ganha algum concurso literário. Ou, então, quando tem uma grana sobrando e banca seu próprio livro”*.

Além dessas dificuldades, podemos enumerar outras tantas, como: 1) a falta de distribuição das livrarias, 2) a falta de crítica de qualidade, 3) a inexistência de pagamento de direitos autorais, e por último 4) a carência de um número maior de bolsas e concursos periódicos.

Todas essas dificuldades recaem ainda mais fortes no campo da poesia, gênero mais difícil de ser consumido, segundo os nossos entrevistados. De acordo com o filósofo e poeta Antonio Cícero: *“É que a poesia só vale se for extraordinária, e o extraordinário não surge o tempo todo. E, se ela for extraordinária, exige muito também do leitor: de modo que tem poucos leitores”*.

Em relação ao mercado editorial há sempre a referência ao fato das grandes editoras se concentrarem no eixo Rio-São Paulo. Para Rinaldo de Fernandes, as dificuldades de ser escritor no Brasil dizem *“respeito ao acesso às médias e grandes editoras, que, efetivamente, distribuem o livro pelo país e possibilitam o acesso de um público mais amplo ao trabalho do escritor. As portas continuam fechadas nessas editoras (ainda muito centralizadas no eixo São Paulo-Rio) para um bom número de autores de talento”*. Esse mesmo mercado editorial tem problemas de divulgação e distribuição. Para o ótimo cronista e poeta gaúcho Fabrício Carpinejar *“A dificuldade é a distribuição dos livros. Publicar ficou mais fácil, pode ser uma edição artesanal ou de uma editora menor. O livro até chega nas grandes redes, mas fazer que seja repostado exige um grande poder de persuasão ou um selo mais forte. E como saberemos se o livro pode vender antes de vender? Ele desaparece cedo demais depois de dois meses do lançamento”*.

Procurando nas principais livrarias brasileiras, fica fácil perceber a ausência de livros. O recurso quase sempre é a internet, como um mundo amplo de possibilidades de compra e venda de suportes literários. Mas, a presença de um editor que possibilitasse estratégias de

venda e distribuição em todo o Brasil é a realidade mais recorrente nas falas dos escritores entrevistados: *“Acredito que a grande maioria dos escritores brasileiros não consegue editor. E isso vem se agravando. Por outro lado, grande parte dessa grande maioria não tem “berço”, isto é, não leu o suficiente para saber escrever, não se exercitou o suficiente para elaborar um bom poema, um bom conto, um bom romance. Digamos que essas pessoas são semi-analfabetas. Nenhum editor (empresário) irá investir num livro que por si só é um fracasso”*, refere-se o contista cearense Nilto Maciel.

É verdade que a publicação ficou mais fácil, em parte pelos milhares de pequenas gráficas e editoras espalhas pelos vários estados brasileiros. Para Paulo de Toledo: *“Público nós temos. Uma dificuldade que os autores não mais encontram é a de encontrar público. Hoje, com a Internet, pode-se ter milhares de leitores. Eu conheci vários escritores que estão fora do eixo Rio-Sampa graças à web. Logicamente, a Internet tem muito lixo, mas aí é que entraria a crítica, separando o joio do trigo, levantando a discussão de “critérios” estéticos etc. etc. etc”*.

No contraponto a esse aumento de público e à ausência de leitores sofisticados, *“Setenta e cinco por cento dos brasileiros são analfabetos funcionais. São pessoas que não conseguem compreender sequer uma simples notícia de jornal. Do grupo restante, alfabetizado, poucos apreciam a literatura, mesmo a mais rasteira: os guias de auto-ajuda, os romances superficiais, essa patacoada toda. A grande literatura, então, dessa nem se fala. A primeira edição de um bom romance, de uma boa coletânea de contos ou de poemas leva anos para se esgotar. As principais dificuldades do escritor no Brasil são essas duas: a falta de leitores sofisticados e, em conseqüência disso, a falta de editores interessados em prestigiar os autores mais sofisticados”*, explica um dos mais destacados nomes da literatura brasileira contemporânea: Nelson de Oliveira.

Outro dado relacionado às questões internas do próprio campo literário que foi referenciado pelo poeta Paulo Henriques de Brito é a insuficiência de bolsas, concursos, etc. Para ele *“são insuficientes os prêmios, bolsas e cargos de escritor residente em universidades que, nos países desenvolvidos, permitem que escritores não comerciais se dediquem à literatura”*. Ainda sobre a mesma linha, a curitibana Cíntia Moscovitch refere-se *“Há algumas regalias preciosas, como a bolsa de criação literária da Petrobrás, que é uma lufada de ar fresco nesse deserto. Mas sempre haverá quem não ache bom ou justo. São os mesmos que acham que escritor trabalha de graça. Pensar também custa caro”*.

Por outro lado, Veronica Stigger afirmou em nossa entrevista: *“Eu particularmente não sinto dificuldade em ser escritora no Brasil. E não conheço a realidade dos escritores de outros países para poder traçar um paralelo. Aqui no Brasil, parece-me até que há cada vez mais incentivos para a produção literária, com prêmios e bolsas”*.

São os diversos lados da mesma moeda...

Para alguns entrevistados, a questão da desqualificação da crítica parece algo preocupante. É o caso de Paulo de Toledo, quando afirmou: *“Outra grande dificuldade enfrentada pelo escritor brasileiro é a falta de uma crítica rigorosa e bem informada. Sem essa crítica, a escolha dos melhores fica por conta do “famigerado” (Rosa dixit) compadrio. Pra ser escritor de sucesso no Brasil, deve-se ter um círculo influente de amigos e, de preferência, morar em Sampa ou na “Cidade Maravilhosa”*.

Mas, apesar de todas as dificuldades, dilemas e angústias, como a falta de distribuição das livrarias, a ausência de uma crítica de qualidade, a inexistência de pagamento de direitos autorais, a carência de um número maior de bolsas e concursos, existem aqueles que procuram pensar positivamente e ir em frente, sempre. Na realidade a escolha por ser escritor é uma maldição das mais apaixonantes, que embriagam de uma forma abissal aqueles que se dedicam a arte da palavra, mesmo que seja perplexa. Terminei este ensaio ou inquérito com a palavra do contista pernambucano radicado em São Paulo, Marcelino Freire, figura sempre presente nos círculos literários brasileiros e agitador dos mais constantes: *“Eu sempre gosto de me lembrar disso. De que eu sou um escritor no Brasil. Em um país que não lê. Gosto de lembrar de que eu sou um escritor contemporâneo, novo, no solavanco. Lembrar disso me faz não “estrelar”, entende? Faz com que eu não me sinta o dono da cocada branca. Por isso, eu preciso sempre circular. Levar o meu texto em tudo que é lugar. Feito cantador, embolador. Ser escritor em meu país, pelas dificuldades todas, é isso: sair do casulo. Do pedestal. É ganhar o leitor a dedo e a olho e à unha, etc. e tal’*.

Fica a lição, não o exemplo...

| Estante



BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCISCO BUARQUE DE HOLANDA, compositor brasileiro de música popular. Fez em 1974 uma incursão pela literatura publicando *Fazenda modelo*. Depois vieram *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995) e *Budapeste* (2004). Em 1999, foi lançado pela Companhia das Letras seu quinto romance *Leite Derramado*. O livro trata de uma narrativa na primeira pessoa de um velho de 100 anos que internado em um hospital desfia suas lembranças a partir de relações familiares.

Eulálio é um descendente de uma família cujos membros ocuparam funções importantes no Estado brasileiro, desde a Colônia, passando pelo período Imperial, até a República. Ao longo do século conta a história da decadência familiar dos Assumpção Palumba. Faz-se realidade, na oralidade dele, o ditado de “pai rico, filho nobre, neto pobre”. Confessa para um ouvinte não especificado – ora uma enfermeira, ora sua filha, ora outro paciente de quarto –, as memórias que, ao serem alinhavadas, mostram-se com características associativas, emocionais e imprecisas.

Ao afirmar de chofre que qualquer coisa recordada “vai doer”, pois a “memória é uma vasta ferida”, a personagem expressa a condição afetiva da memória, pois nossas

experiências trazem um caudal de teores morais. Esses valores, em se tratando de um idoso, reverberam em seu âmago de três modos. A própria situação pungente lembrada. Muitas de atitudes praticadas pelo impulso da paixão, que impede o livre discernimento, provoca *a posteriori*, remorso e sentimento de culpa, oriundo da coerção das normas hegemônicas em uma sociedade fincadas no passado e que se tornam intransigentes no presente. Sentimentos dolorosos associam-se a outros de idênticos conteúdos, chegando seu Eulálio a dizer que: “talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo”.

Em outro momento, denota uma concepção bergsoniana de memória, em que todas as experiências vividas encontram-se alojadas na consciência e, logo que acionadas, podem ser recapituladas em sua inteireza: “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas”.

Aparentemente, parece incorrer em contradição, quando a personagem diz claudicar em suas lembranças: “e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. Mas lembrança de velho não é confiável”. Não, ao contrário, ocorre uma continuação da mesma perspectiva, pois segundo Bergson o passado “deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória lembrança” [do presente], que nos impulsiona a agir. Desse modo, o velho na sociedade ocidental, por não anelar mais a conquista de realização futura, seria o repositório de lembranças de passado que tomaria a vacância das coisas úteis e da memória do agir.

A primorosa narrativa de Chico Buarque, através das Memórias de Eulálio d’Assumpção Palumba, remete o leitor ao passado da sociedade brasileira, no tocante as diferenças étnico-raciais que continuam presentes nas relações cotidianas, configuradas na discriminação e preconceito.



BOLAÑO, Roberto. **Detetives selvagens**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LER “OS DETETIVES SELVAGENS” do escritor chileno Roberto Bolaño é uma experiência real visceralista. O movimento literário que mobiliza os dois personagens, Arturo Belano e Ulisses Cruz, centrais do livro acaba sendo uma metáfora da conexão que estabelecemos com a literatura de Bolaño. De um lado, é uma imersão num universo muito próximo ao próprio escritor; uma vivência que expressa tanto o que tem de decadente nas rodas dos aspirantes a literatos, mas também a paixão e a capacidade de alguns mais sensíveis, mesmo que nem sempre talentosos, de imaginarem-se criadores, estetas. De outro lado, somos tragados de modo visceral pela multiplicidade de pontos de vista, de seres que cruzam a vida dos dois personagens e que vão se sucedendo numa tal velocidade e com tal entrega, que rapidamente somos tragados pelas múltiplas investigações que se desenrolam simultaneamente. Bolaño brinca com os gêneros e nos oferece uma novela policial, que é ao mesmo tempo um romance psicológico, a crônica de uma geração, um livro de memórias, entre outros. Mas sua principal qualidade não reside aí. Parece-me que o que torna “Os detetives selvagens” um livro inesquecível é sua capacidade de nos convencer que aquelas vidas, em grande parte medíocres, tomadas num momento em que a desesperança já se

abateu, ridículas e empoladas, são deliciosas, instigantes, atraentes. É, finalmente, uma profunda investigação sobre o amadurecimento, realizada a distância, até mesmo de maneira temerária, que nos diz que há encantos da juventude que dificilmente podemos manter com o passar dos anos. Roberto Bolaño em “Os detetives selvagens” produziu em mim aquele prazer associado à descoberta de uma outra dimensão; prazer que só a literatura pode produzir, quando nos desloca de nosso mundo para ampliar nossa percepção da condição humana. É um livro sobre frustrações que nos deixa irremediavelmente felizes.

LUIS HENRIQUE CUNHA (Paraíba) - Sociólogo e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

POEMAS DE ED PORTO

JURÁSSICO

Para Gabriela Parente

Seu olhar
com ar
de quem tá
e não tá
nem aí
ia
me
confiscando
pros
confins
dos infernos

Não fosse
eu
um
fóssil
desses
dinossauros
setentrionais
me tornaria
sua presa

SIR BIU

A V. Ex.^a deputado Severino Cavalcanti
(ex-presidente da câmara)

Biu voltou
I don't believe!
Biu vive!
Beautiful!
Dead Biu!
Fuzil no Biu
não funcionou
Biu voltou
com seu voto
devoto de Nossa Senhora
dos Milagres
Há Biu aos milhares!
To be or not to Biu
Biu é o fio
do pavio da bomba
Biu tomba
mas não explodiu
O bucho de Biu proclama
que a tromba da anta
não diminuiu
Biu abusa
Clodovil
Biu acusa
que Siracusa
é menos difusa
que o Brasil
Sir Biu voltou
Putá que o pariu!!!

ITAPOAN

Os pés
os passos
o som
dos risos
os dentes
tão brancos
suores
de pretas
o cheiro
dos óleos
as tetas
o jeito
das falas
suaves
cantantes
o antes
que permanece
as preces
pros santos
o encanto
das gentes
o canto
que é África
que canta
mais alegre
aqui
que lá
Iemanjá
minha rainha
Ô rei
irei

mas torno
em breve

PENAL

Para Astier Basílio

Duelo : defesa e ataque
Dois elos : somente um
craque : ao toque
um deus : um diabo

—

SOU O PÃO QUE O DIABO AMA

—

A BOCETA

À
boceta,
se aberta,
se entra e sai.
Se aperta
da, a sedução vai
à solta.
Não importa como,
sempre a boca saliva,
a glande entumece:

seta à procura do alvo pra saciar a sede.

A boceta,

sob qualquer perspectiva,

permanece sendo a que move

o mundo.

ED PORTO (Paraíba) - Poeta e Professor da Universidade Federal da Paraíba. Autor dos livros: *Anônimo* (2004), *Ária Literária* (2006), *Tra(i)nspiração e outras coisas* (2007) e *Mosaico* (2009), do qual os poemas acima fazem parte. Blog: ed_porto.blog.uol.com.br

| Conto

QUITÉRIA

Por Raquel Soares

TODA MANHÃ QUITÉRIA AGRADECE A DEUS por sua vida. Ela sabe o quanto sua existência é valiosa. Quando a alta estima não está tão alta assim, ela canta para acalmar, confortar o seu espírito. Tem noites que sente um vazio no coração, a falta de algo que não conhece. Desconhece tantas coisas... Tenta aprender a observar os momentos, passa por tantos todos os dias. Vê-se descendo as escadas quando pensa que está subindo. Desce a Vigolvinho Wanderley de moto para chegar ao trabalho. Adora pilotar a vida, como se não tivesse nada a perder. Quitéria muito séria, quem não conhece? Trabalha, não porque precisa do dinheiro, mas para ganhar a vida. Ganhar da vida! Conhece poucas pessoas. Sua mãe não a deixa sair à noite sozinha. Acompanhada nunca! Quando a mãe saía para trabalhar na imobiliária deixava Sonia com Quitéria pequena. Sonia era uma babá carinhosa. Quitéria colocou um apelido nela desde pequena, era a sua “Mã”. A mãe resistiu no início, mais a garota logo depois estabeleceu sozinha a diferença. Mamãe e Mã eram distintas como o sol e a lua. O pai não existia. A casa ficava vazia. Sonia, por que minha mamãe diz que papai morreu? Porque ele morreu, minha filha. A senhora viu quando ele estava morrendo? Não! A senhora conheceu ele vivo? Não! Viu ele morto? Não! Então ele não morreu para a senhora. Ele nunca existiu. E assim era a concepção de Quitéria sobre seu pai. As fotos, as lembranças que a mãe falava tanto, nada representavam para a garota. Ela acredita no que sentia, e nunca sentiu o seu pai. A mãe olha para a filha como se ela fosse de brinquedo. A filha olha para Mã como se ela fosse um tesouro. A filha olha para a mãe como se ela fosse uma santa de madeira. A mãe finge que é a pessoa mais pura da face da terra. Ela vai à missa todos os domingos. Acende velas e mais velas para todos os santos possíveis. Afirma falar sempre a verdade. Na sua cabeça dá bom exemplo de cidadania e compaixão a todos que a conhecem. Quitéria odeia qualquer tipo de religião, igrejas e etc. Ela acredita no que sente e sente a presença de Deus constantemente em sua vida. Ela não acredita em santo

muito menos em santa. Ela crê na sua fé porque é capaz de senti-la correndo em suas veias como presença de vida. Não acredita na fé dos outros. Não é problema dela. Quitéria conhece a noite da janela do quarto. O céu parece uma grande árvore natalina. As estrelas são os pisca-piscas que ela adorava apertar quando mais nova. E foi em uma das grandes festas de fim de ano que sua mãe fazia que tudo aconteceu. A casa parecia pequena porque ficava apertada. Ela gostava de sentir tantas pessoas juntas. Uma casa tão grande para quem? Para quê? Ela adorava as festas. Todo mundo fingia ser o que não era. Tinha gente de todos os tipos. Eram os bons(vi)zinhos. Quitéria adorava ver as máscaras caindo. Ela enxergava além. Sempre sabia quem era quem: a dona da farmácia era a grande paixão do padeiro, ele por sua vez, tinha uma mulher protestante, que protestava até os restos de migalhas que o marido dava para os cachorros. O mecânico adorava aumentar os preços dos seus serviços para as donas Luíza e Geovana, elas eram as mais metidas da rua. Quitéria nunca se desconheceu nessas festas. Na noite fria da serra da Borborema, ela se esquentou entre os convidados. O cheiro forte de vários perfumes entrelaçados, mergulhados num único espaço a instigava. Ela passava horas olhando para os adultos. Eles podiam tudo porque adoram as máscaras. Ela era uma felina. Os quatorze anos não deixavam a desejar nos olhos daqueles mascarados. Ela vestiu a máscara nesse dia. O seu corpo já crescido para uma menina tão nova. Ela odiava quando escutava a sua mãe dizer para as suas tias que ela já “era moça”. Pensava na idiotice dessa afirmação, ora, ela sempre foi moça, desde que nasceu. De menina, Quitéria só tinha a indecência infantil. Ela olhava os rapazes com repugnância. Eles ficavam abestalhados olhando para partes do seu corpo, eram incapazes de olhar para um todo. Ela não se considerava um ser em pedaços. Era inteira, queria que a vissem desse jeito, inteiramente (fé)minina. Caminhou entre os convidados buscando algo desconhecido. Ela queria se descobrir porque reconhecia muito bem os seus instintos de humanidade, e por isso se mascarou. O que o ser que se chama humano não sabe... reconhecer os seus próprios desejos. Antes da festa começar ela foi até a cozinha, sem fazer barulhos. Despejou vinho branco em uma garrafa de refrigerante de 600 ml. Pegou a sua toalha de banho e enrolou a garrafa discretamente. De longe ninguém percebeu que existia algo na toalha. Subiu para o quarto e bebeu a metade da garrafa. Ela nunca havia bebido, e o primeiro gole foi azedo, amargo, para uma garganta santificada pela mãe a vida toda. Com o passar do tempo ela sabia que teria que aprender a apreciar o gosto seco de muitas coisas. Escondeu a garrafa em seu guarda-roupa. Ela desceu as escadas com o vestido pink de mangas curtas, na altura das coxas. O decote em v acentuava a silhueta. O vestido era

fechado com botões na parte da frente, deixou os botões abertos o mais perto possível de seu colo. Ela chamava os olhares discretos dos mascarados e indiscretos dos rapazes. As primas mais velhas a olhavam com despeito, mas Quitéria não era de conversinhas com meninas, com priminhas ou com quem quer que fosse. Ela não era assim. Sempre brincou sozinha. A mãe reclamou a festa inteira porque Quitéria comprou uma sandália salto 10cm. Meninas da sua idade não usam esse tipo de calçado! Ela fingia não escutar. A mãe disse que ela estava vulgar. Quitéria disse que não tinha tempo para dicionários. Quitéria conheceu a máscara porque achou que queria ser tudo para os outros, porque ela não buscava perguntas para tudo, desde que percebeu que só faz sentido o que se acredita. Ela andava pela sala com um ar de superioridade incrivelmente exarcebado. O batom vermelho na boca, e a postura da (fé)minina evidenciavam uma trivialidade que ascendia nos homens um anseio no desvendamento daquela criatura que parecia já tão desvelada. As amigas de sua mãe procuravam manter a postura diante da filha de sua anfitriã. Elas sentiam-se amedrontadas pelo comportamento da garota. Comentavam baixinho pelos corredores o que tinha acontecido com aquela menina, tão séria que só usava cor escura, tão composta na maioria das vezes, e tão recatada sempre. Quitéria só passou um pouquinho para o outro lado, um lado onde só quem percebe é quem passa por ele. Ela recebeu os convidados com muita simpatia e insinuação, nunca havia sido desse jeito, tão boa anfitriã, mas a máscara até que lhe caiu bem. Ela passava e repassava entre todos os homens. Ela bem sabia o que desejava todas as noites no quarto. Ela sabia sentir a si mesma e a seus instintos. A mãe lhe ensinara que apenas os homens tinham instintos sexuais, as mulheres eram apenas as coadjuvantes. Ela sentia que não. Em tantos “não” e “nãos”, ela procurava o “sim” fora de si, porque dentro de si já existia há muito tempo. Agora entre o olhar devastador de Sr. Luis, um sim e um não. Para o homem de 37 anos: sim! Para uma menina com a libido aflorada: talvez! Para os convidados perceptivos a qualquer tipo de olhar revelador: não! Para a garota: sim! sim! sim! Entre pequenos e grandes desvios de salas, varandas, cozinhas, jardins, e... sim! Quitéria olhou firme para os olhos do seu mascarado na escada do quarto, ninguém havia, eles haveriam. Ele em nenhuma palavra. Ela pronunciou algumas... o que veio procurar? Acha que já encontrou?... sim! e sim! Os lábios que pareciam ser tão vulgares revelaram nenhum esforço de menina. Quitéria sabia o que fazer exatamente... onde morder, onde lambe, onde tocar, onde se deixar pôr, e ela deixava-se porque queria. Ela lia muito sobre coisas desse tipo: colocações, variações e justaposições. Ela treinou por muito tempo no seu quarto, com suas bonequinhas já tão sujas de sua infantilidade. E ela

entendia o que ele estava propondo em questões de segundo. Ele nada dizia, fazia o que lhe era de direito, já que ela lhe deu espaço para. Ela gostava dessa determinação dos adultos, em especial dos homens mais velhos. Eles sabem a diferença entre o certo e o errado e mesmo assim fingem está fazendo a coisa certa, quando na verdade sabem que não. Ela o sentia em seu mais íntimo, e chorou quando terminou porque estava feliz de ter sentido tanto a sua alma exposta por meio de sensações inovadoras, e porque estava triste por precisar usar máscara para viver esse momento. Ela voltou para o quarto, depois de um longo beijo de despedida em seu amante. Tomou um banho, vestiu suas verdadeiras roupas e sentiu que o lado de lá pode ser mais sombrio do que parece ser. Ela preferiu ficar na reserva, não para alimentar o falso moralismo de sua mãe, mas porque alimentava o que era realmente por dentro. Quando desceu para cozinha para beliscar alguma comida, encontrou sua mãe conversando com seu tio, irmão do seu falecido pai. Eles falavam muito baixo e ela se aproximou com delicadeza para escutar. Ele estava encostado no balcão, enquanto sua mãe se mergulhava em lágrimas. Ela ainda escutou quando ele afirmou que não iria se separar. A sua mãe retrucou dizendo que iria dizer para todos ali mesmo quem era o verdadeiro pai de sua filha. ?????!!!!. Quitéria passou meia hora na escada da violação, chorando por ter sido violada por tanto tempo. Ela entendia como, e os porquês não importavam. Ela se acalmou e desceu para a festa. Ela não fingiu que nada aconteceu, ela ficou quieta porque sempre fora assim, ela não precisava sair por aí contando os seus dilemas adolescentes, não interessava a ninguém, se não a ela mesma. O que ela não entendia é como esses mascarados conseguiram fingir o tempo todo e por muito tempo. Ela entendia porque sua tia Margarida, esposa de Marcos, nunca participava das reuniões em família, ela entendia os olhares dirigidos a sua mãe, e a plena perseverança desta em provar que era descente. Ela não entendia tanta covardia. Ela foi dormir antes da festa terminar. Tentou e tentou. No dia seguinte, café da manhã, a mãe com olhos inchados. Quitéria pergunta a mãe se ela precisa de alguma coisa. Quitéria sente pena de sua mãe, não concorda, mas a perdoa. Ela afirma que já sabe de tudo, e que não quer falar sobre o assunto. A mãe não parece muito surpresa, olha para a filha com um semblante de satisfação forçada: Que bom, filha, o que você acha? Acho que não foi certo de sua parte esconder isso de mim por tanto tempo, e não sei como tem a coragem de me perguntar o que acho! Por tanto tempo, como assim? Filha ele tá separado há anos e começamos a sair faz um mês! Ontem eu e Luis oficializamos o nosso relacionamento, e fiquei muito triste com sua ausência. Bendito Sr. Luís! Quitéria desde então, entendeu que usaria a máscara

também pelo resto da vida. Durante os jantares em família seu novo pai a fitava com desejo e ela não conseguia se esquivar daqueles braços fortes e daquela virilidade ascendente. A sua cama, o balcão da cozinha, e o sofá exalavam essa paixão. A mãe comentava com ela que um casamento não é só de paixão e amor, mas de respeito e amizade. A garota não entendia. Voltava mais cedo da escola todo o dia, dormia mais tarde todas as noites. Respirava aquele desejo em casa, na escola, no shopping, e não sentia mais o vazio em seu coração. Ela tinha uma razão maior para viver até que Luís abandonou a mãe e a filha para morar com uma garota de 20 anos. Ela o odiou eternamente. A mãe fingiu sofrer por ele, mas achou melhor assim, antes enquanto é cedo. Quitéria estava arrasada porque não tinha em quem se apoiar para esconder o seu verdadeiro amor, sofreu por paixão. Depois de anos, Quitéria arrumou um bom emprego. Trabalha em busca de uma paixão constantemente. Quando chega a casa, o corpo cansado, ela agradece a Deus por mais um dia. Ela acredita que Deus nunca a abandonou, ela ainda conserva a sua fé. Ela coloca a máscara e embarca em suas aventuras idealizando cada amante como se fosse o único. Sua mãe acha que ela só trabalha num escritório de advocacia, realmente ela digita alguns relatórios e organiza a agenda do seu patrão. Mas depois do estágio, ela se dirige ao escritório 2. Sim, ela passa pelo segundo todas as tardes para saber quem será o próximo. E todos os dias ela diz sim, sim, sim para um novo mascarado.

RAQUEL MARIA SOARES RODRIGUES (Rio de Janeiro/Paraíba) – Poeta e cronista. Graduada em Letras e mestranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.

| Ensaio

O(S) DUPLO(S) EM BENJAMIM

Por Abílio Pacheco

DOS ROMANCES DE CHICO BUARQUE, tanto *Benjamim* quanto *Budapeste* são obras que exploram a temática do duplo. Como a crítica² assim já se pronunciou sobre este e – pelo que sabemos – nada disse sobre aquele (talvez por ser menos evidente ou por haver interesse em destacar/ressaltar outro(s) aspectos(s) da obra), aqui tentaremos fazê-lo.

O protagonista do segundo romance de Chico Buarque é um indivíduo cuja degradação emotiva causou-lhe a física e a profissional. Perturbado e torturado pelo sentimento de culpa pela morte de Castana Beatriz, ex-namorada e então militante de esquerda que morrerá fuzilada, quando ele, ao tentar espioná-la, se deixou seguir inconscientemente, Benjamim encontra, nos anos 90, em Ariela Masé, que julga ser filha de Castana, as esperanças de reconstruir seu paraíso perdido³. No entanto, os amigos de Jeovan, um policial entrevado, namorado de Ariela, fuzilam Benjamim no mesmo prédio onde morrerá Castana Beatriz, o sobrado verde-musgo no fim da rua 88. O romance é, então, a narrativa da vida de Benjamim Zambraia a partir de sua morte por fuzilamento. As ações ocorridas no passado e no presente aparecem duplicadas em simetria (ou quase), o enredo apresenta uma lógica interna difícil (próxima da escrita de livre associação), cujo encadeamento ocorre pela técnica cinematográfica usada pelo autor, os personagens – os

² José Miguel Wisnik. O autor do livro (não) sou eu. Disponível em [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_wisnik.htm]
Mauro Dias. O novo romance de Chico. Estado de São Paulo de 14/09/03. Disponível em [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_estado.htm]
Arnaldo Bloch, Chico Zsoze Kósta Buarque. O globo de 14/09/03. Disponível em [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_globo6.htm].
Luiz Alfredo Garcia-Roza. Não existe duplo para a realidade. O globo de 14/09/03. Disponível em [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_globo4.htm].
Entre outros.

³ Conforme RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000; e RIDENTI, Marcelo. O paraíso perdido de Chico Buarque. In: SEGATTO, J. Antônio; BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 167-200.

principais e alguns dos secundários – refletem em espelho ou em paralelo outros personagens, todos sempre em fluxo deambulatório e esquizofrênico constante.

Benjamim é um romance de forte conteúdo sinestésico, sobretudo visual. A própria metáfora da câmera como recurso fantástico instaurador/articulador do processo narrativo já nos revela isso; os cortes, as montagens e outros procedimentos peculiares ao cinema também. O romance joga com a imagem como um jogo de espelho (um labirinto paralelo infinito) com imagens repetidas e duplicadas e novamente duplicadas até a exaustão.

O protagonista, que na década de 90 tem 55 anos, é um ex-modelo-fotográfico que se auto-aposentou aos 40, quando transformou todas as reservas financeiras em ouro e distribuiu pelos meses referentes a sua expectativa de vida (80 anos).

Na década de 60, Benjamim, no auge de sua vida profissional e pessoal, tinha bons contratos, podia manter relações sexuais com a mulher que desejasse. Além disso, tinha um ótimo vigor físico, era um bom nadador, um excelente jogador de vôlei. Nessa época, conhece Castana Beatriz com quem tem um relacionamento amoroso frustrante, pois culmina na sua perda total, precedida de algumas perdas parciais, nas quais a imagem paterna (boa, má ou ambivalente), como elemento ligado à angústia de castração, é forte. A primeira perda ocorre quando o pai de Castana a embarca para Europa, a segunda quando ela retorna e troca Benjamim por um professor ativista político e a terceira quando Castana e seu amante são fuzilados pelas “autoridades” (a ditadura?) – maior representação da figura paterna, do pai mau contra quem o filho é impotente⁴.

Entretanto a terceira perda de Castana não é definitiva, pois Benjamim, que a esperara voltar da Europa e que a esperara voltar a seus braços (primeira e segunda perdas) transfere a espera por Castana para espera pelo seu (sua) filho(a).

Uma espera de 25 anos vazios, em que Benjamim, pela manhã, faz flexões e diz “Bom dia, Pedra” (BUARQUE, 1995, p. 57), anda pelo Largo do Elefante, entre mendigos, almoça e/ou janta no Bar-Restaurante Vasconcelos, mantém relações com uma prostituta ou masturba-se no banheiro. Sempre “filmado” pela câmera adquirida na adolescência e, embora abolida na velhice, “criara autonomia”. (BUARQUE, 1995, p. 11)

O complexo de perseguição, o trauma e a culpa pela perda de Castana (ou o recalque provocado pela perda) que se expressam nas formas de auto-punição de que são resultados a decadência física e profissional e, no limite, o insulamento (a rejeição a novos afetos – daí

⁴ A análise das perdas aqui apresentada é a síntese do que analisamos em: PACHECO, Abilio. *Por pesar de você, a manhã se tornou outro dia: cidade, utopia e distopia em Benjamim*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Dr. Silvio Holanda. Belém: UFPA, 2005.

a fuga em relacionamentos fortuitos com prostitutas e a prática da masturbação transformam Benjamim em um indivíduo isolado que vive “como um simulacro de si mesmo” (Paz, 2001), num mundo de ilusão (forma evidente de duplicidade). Tal recusa do real é perceptível por Benjamim não desmontar o ‘quarto da criança’ e fugir de amigos que lhe pudessem trazer a lembrança de Castana à tona. Entretanto, “quem recusa o real, tem seu retorno com juro” (Rosset apud Martinho, 2005), pois ninguém “escapa ao destino” (Martinho, 2005). A recusa do real, para Rosset, liga-se à origem do duplo.

Numa das idas ao Bar-Restaurante Vasconcelos, Benjamim vê um casal discutindo. A moça, Ariela Masé, traz à tona a lembrança de Castana. Embora tenha a sensação de (re)conhecê-la (*unheimlich*), Benjamim deu-se conta realmente disso apenas ao consultar, em um arquivo de fotografias, as pastas da década de 60 e perceber a semelhança entre Castana Beatriz e Ariela Masé – para ele, mãe e a filha.

A partir de então, Ariela é o duplo de Castana e Benjamim (55 anos) é o duplo de si mesmo (aos 25). Ela repete em paralelo várias ações de Castana e ele repete suas próprias ações. Castana/Ariela procuram as chaves na bolsa enorme, enquanto repetem: “as chaves, as chaves”; quando riem, abrem bem a boca e jogam os cabelos para trás; correm de Benjamim com as sandálias penduradas na mão; odeiam a presença da Pedra do Elefante e por causa dela correm de Benjamim pelas escadas, pois não têm paciência de esperar o elevador.

Castana/Ariela vivem uma situação de vigilância/super-proteção afetiva: Castana pelo pai, Ariela pelo namorado; e uma situação de repressão armada (implicitamente): Castana pelas “autoridades”, Ariela pelo grupo de extermínio de que faz parte seu namorado.

Castana/Ariela traem Benjamim com alguém ligado à política: Castana com o Prof. Douglas, Ariela com Alyandro (ambos personagens de vida dupla, o primeiro tem uma vida pública como professor, mas uma identidade oculta de ativista político; o outro, uma vida pública de político em ascensão, mas um passado de ‘puxador’ de automóveis⁵).

Castana/Ariela têm suas imagens ligadas à morte: Castana morre junto com o professor Douglas no sobrado verde-musgo, depois que Benjamim deixa-se involuntariamente seguir pelas ‘autoridades’; Ariela deixa-se (não tão involuntariamente)

⁵ A duplicidade de Alyandro Sgaratti é reforçada pela mudança de nome, antes Aliandro Esgarate.

seguir até o mesmo sobrado, para que o grupo de extermínio que fuzilaria Alyandro⁶, encontrasse Benjamim.

Em *Benjamim*, os duplos desfilam como na tragédia grega de Sófocles⁷. Além do protagonista, suas amadas Castana/Ariela, bem como o Prof. Douglas e Alyandro/Aliandro, são duplos: Leodoro, Dr. Cantagalo, o taxista Barretinho/Zilé, Zorza... Duplicadas são também as imagens, como a do camburão que Benjamim vê no Largo do Elefante, na década de 90, recolhendo mendigos, na década de 60 recolhendo estudantes.

A recusa do real, o simulacro, o narcisismo, a duplicação do protagonista e de outros personagens, além do trauma de perseguição e do complexo de castração ligado à figura paterna, são elementos que apontamos para afirmar que (juntamente com *Budapeste*) mais um espaço na prateleira dos romances do duplo deve ser reservado para o romance *Benjamim*.

Referências

BUARQUE, Chico. *Benjamim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. *O estranho*. Monografia do curso de especialização em Psicanálise. 1983. Extraído de [<http://www.verarita.psc.br/html/unheim.html>] em 31 de Janeiro de 2005.

FREUD, Sigmund. *Uma criança é espancada. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades e outros trabalhos*. Tradução: Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

MARTINHO, Cristina. Articulações do duplo na literatura fantástica do século XIX. Extraído de [<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-04.html>] em 31 de janeiro de 2005.

⁶ A intenção não era fuzilar exatamente Alyandro, nem exatamente Benjamim. O 'grupo de extermínio' fuzilava todo e qualquer homem que por ventura se aproximasse de Ariela e com se deitasse ou a provocasse sexualmente.

⁷ Édipo. É importante lembrar que o recurso usado por Sófocles de duplicar as personagens tinha uma razão de ser de caráter estético. Na época, não se concebia mais de dois atores falando no palco, o diálogo para os gregos era apenas entre dois (di = dois). Sófocles, neste sentido, foi extremamente moderno ao colocar três atores falando em cena. Entretanto, três atores eram insuficientes para desenvolver uma tragédia mais complexa, então cada ator desempenhava mais de um papel. O texto fundante do duplo na literatura é motivado pela limitação técnica das regras gregas para a tragédia.

PAZ, Ravel Giordano. *Esquizofrenia, simulacro e identidade: tensões dialéticas na ficção brasileira contemporânea*. [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://terravista.pt/copacabana/6677/esquizo.html>. Maio de 2001.

ABILIO PACHECO (Pará- Bahia) – Escritor e Professor. Autor da coletânea de poemas *Mosaico Primevo* (2008). Editor do site: <http://abiliopacheco.com.br>

Copyright © 2010, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.